



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CURSO DE TURISMO E HOTELARIA

IVANA CAROLINA ALVES DA SILVA SOUZA

EDUCAÇÃO PARA O TURISMO:
uma análise das práticas pedagógicas no ensino fundamental

SALVADOR, BAHIA

2010

IVANA CAROLINA ALVES DA SILVA SOUZA

EDUCAÇÃO PARA O TURISMO:
uma análise das práticas pedagógicas no ensino fundamental

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo e Hotelaria, à banca examinadora.

Orientadora: Prof^ª. Dr. Francisca de Paula Santos da Silva.

SALVADOR, BAHIA

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

IVANA CAROLINA ALVES DA SILVA SOUZA

EDUCAÇÃO PARA O TURISMO:
uma análise das práticas pedagógicas no ensino fundamental

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo e Hotelaria, à banca examinadora.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Francisca de Paula Santos da Silva.

Aprovada 12 em março de 2010

Prof^ª. Dr^ª. Francisca de Paula Santos da Silva.
Doutora em Educação pela UFBA

Prof^ª. Ana Verena Carvalho
Mestre em Educação e Contemporaneidade pela UNEB

Prof^ª. Ieda Rodrigues da Silva Balogh
Mestre em Sociologia pela UNEB

SALVADOR, BAHIA

2010

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar força e coragem para trilhar os caminhos e superar os obstáculos encontrados. Obrigada pela luz que nunca cessa.

A prof^a Francisca de Paula Santos da Silva, pela orientação e incentivo durante todos os momentos, o meu muito obrigada.

Aos professores, que me permitiram desvendar outros caminhos do turismo e que me deram toda a base para a realização deste trabalho.

Agradeço aos colegas de curso, pelos diálogos e debates acadêmicos, e principalmente, pela motivação sempre presente. Um agradecimento especial, aos amigos Janaína Amorin, Vanessa Meneghetti, Karoliny Lacerda, Paulo Henrique, Paulo Eduardo, Randerson Almeida e Débora Benvenuti, obrigada por me fazerem continuar e acima de tudo acreditar.

Agradeço a colega Ana Rita pela disposição e o apoio indispensáveis durante algumas etapas da pesquisa de campo, muito obrigada.

Aos meus pais pela luta e esforço de cada dia para me proporcionarem uma educação de qualidade e me ajudarem a construir um futuro melhor.

A todos os meus familiares, amigos e meu querido Eliezer, pela compreensão e força nos momentos mais difíceis.

Fico muito grata também ao Colégio e a Escola Estadual Severino Vieira, pelo apoio em facilitar a execução desta pesquisa, especialmente o professor Adriano, e a coordenadora Vilma, sempre disponíveis e solícitos.

E, finalmente, agradeço às crianças que participaram da pesquisa de maneira colaborativa e me deram o prazer de viver esta experiência memorável. Obrigada pelo carinho e receptividade.

Muda, que quando agente muda, o mundo muda com agente.
Agente muda o mundo na mudança da mente.
E quando a mente muda agente anda pra frente [...]
Na mudança de postura agente fica mais seguro.
Na mudança do presente agente molda o futuro.

Gabriel o Pensador

RESUMO

O presente trabalho traz reflexões acerca da análise das práticas pedagógicas realizadas por professores da disciplina turismo na Escola Estadual Severino Vieira, partindo da concepção de que o turismo é uma atividade que envolve grupos humanos, bem como a sua interação com setores da sociedade. Buscou-se verificar se tais práticas estão contribuindo para a conscientização turística dos estudantes da referida instituição. Desta forma, construiu-se um estudo de caso, que envolveu a realização de entrevistas com professores e gestores, e a aplicação de formulários aos estudantes. Estes instrumentos permitiram a coleta de dados e informações concernentes à percepção destes indivíduos perante o turismo na cidade e como esta visão reflete nas práticas desenvolvidas nas aulas da disciplina. As constatações obtidas permitiram questionamentos no que tange à necessidade de diálogo entre o turismo e a educação, a exemplo do desenvolvimento de práticas pedagógicas que estimulem a participação cidadã e a consciência turística dos residentes.

Palavras-chave: Educação para o turismo. Práticas pedagógicas. Ensino Fundamental. Escola Estadual Severino Vieira.

ABSTRACT

Starting from the idea that tourism is an activity that involves groups of people, and their interaction with sectors of society, this paper seeks to bring ideas to the analysis of teaching practices carried by teachers of the course tourism in the State School Severino Vieira. We sought to determine whether such practices are contributing to the awareness of tourism students of that institution. Thus, built up a case study, which involved interviews with teachers and administrators, and application forms to students. These instruments allowed the collection of information concerning the perception of these individuals to the tourism in the city and how this vision reflects practices developed in the classroom. The findings obtained allow questions with respect to increased need for dialogue between tourism and education, such as the development of educational practices that encourage citizen participation and awareness of tourism by residents.

Keys-words: Education for tourism. Teaching practices. Basic Education. State School Severino Vieira

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- PIRÂMIDE DE DALE	26
Figura 2- HIERARQUIA DO SISTEMA ESCOLAR BRASILEIRO	35
Figura 3- MATRIZ CURRICULAR: CATEGORIA DIVERSA EM SALVADOR	39
Figura 4- ESQUEMA DE INSERÇÃO DE DISCIPLINAS DIVERSAS - BAHIA	51
Figura 5- DIVISÃO DO COLÉGIO ESTADUAL DA BAHIA	56
Figura 6- INSERÇÃO DA DISCIPLINA TURISMO NA ESCOLA SEVERINO VIEIRA	64

LISTA DE FOTOS

Foto 1- PATRONO SEVERINO VIEIRA	54
Foto 2- COLÉGIO SEVERINO VIEIRA, DÉCADA DE 1940.....	55
Foto 3- LATERAL DO ANTIGO PRÉDIO DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA, 2010	55
Foto 4- FACHADA DO ANTIGO PRÉDIO DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA, 2010	55
Foto 5- VISTA AÉREA DO ANTIGO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA	60
Foto 6- FANFARRA IMPACTO DE SALVADOR.....	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- ACOMPANHANTE DE VISITAS A MUSEU	73
Gráfico 2- EXPERIÊNCIA DE VISITAS A MUSEU	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- UNIDADES DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DA BAHIA	47
Quadro 2- ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO/PROFISSIONALIZANTE - BAHIA	49
Quadro 3- ESCOLAS ESTADUAIS DE SALVADOR COM DISCIPLINA TURISMO ..	52
Quadro 4- EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS GESTÕES DO COLÉGIO SEVERINO DE 1948 A 1986	57
Quadro 5- NÚCLEO DIVERSIFICADO DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA 1970/1980.	63
Quadro 6- PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA TURISMO - 5ª SÉRIE, 2009	65
Quadro 7- LOCAIS VISITADOS PELOS ESTUDANTES	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- FLUXO TURÍSTICO DA BAHIA – POSIÇÃO EM RELAÇÃO AO NORDESTE DO BRASIL	47
Tabela 2- PIB TOTAL E PER CAPITA: BAHIA E BRASIL, 2008	49
Tabela 3- ÁREAS PROFISSIONALIZANTES E CARA HORÁRIA MÍNIMA- BAHIA.	52
Tabela 4- CORPO DISCENTE DA ESCOLA SEVERINO VIEIRA.....	57

LISTA DE SIGLAS

CEI	Coordenação de Educação Infantil e Ensino Fundamental
CETEB	Centro de Educação Tecnológica do Estado da Bahia
DIREC	Diretoria Regional de Educação da Bahia
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisa Econômica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação
MAM	Museu de Arte Moderna
MEC	Ministério da Educação
OMT	Organização Mundial do Turismo
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIB	Produto Interno Bruto
PNMT	Programa Nacional de Municipalização do Turismo
SEC	Secretaria de Educação do Estado da Bahia
SEI	Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia
SESC	Serviço Social do Comércio
SETUR/BA	Secretaria de Turismo do Estado da Bahia
SUDEB	Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEP	Unidade de Educação Profissional
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 TURISMO E EDUCAÇÃO: construindo diálogos	18
2.1 DOS DESAFIOS DO TURISMO	19
2.2 ÀS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA	22
2.2.1 Práticas pedagógicas: “aprender ensinando e ensinar aprendendo”	24
2.3 EDUCAÇÃO PARA O TURISMO: caminhos para a conscientiz(ação)	27
3 EDUCAÇÃO PARA O TURISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL ..	35
3.1 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: os 3º e 4º ciclos.....	37
3.2 BAHIA DE TODOS OS CONTEXTOS	43
3.2.1 A Rede estadual de ensino da Bahia	46
4 COLÉGIO ESTADUAL SEVERINO VIEIRA: 60 anos de história.....	54
4.1 O PATRONO SEVERINO VIEIRA	54
4.2 DESDE 1948	56
4.3 E NASCE A ESCOLA ESTADUAL SEVERINO VIEIRA	59
4.4 UMA NOVA REALIDADE	61
4.5 TURISMO NO SEVERINO VIEIRA: do pioneirismo aos dias atuais.....	62
4.5.1 Analisando as práticas pedagógicas para o turismo	67
5 CONCLUSÃO	76
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A	
FORMULÁRIO PARA ESTUDANTE	83
APÊNDICE B	
ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSOR.....	85
APÊNDICE C	
ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA GESTORES	87
ANEXO A	
DOCUMENTOS DA DISCIPLINA DE 1970 A 1980.....	88
ANEXO B	
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	89
ANEXO C	
HISTÓRICO DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA	90

1 INTRODUÇÃO

O turismo é considerado como uma das atividades econômicas de maior relevância atualmente, em 2010, principalmente em virtude de seu potencial gerador de divisas. Assim como revela pesquisa realizada em 2006, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), este setor tem crescido substancialmente nos últimos anos como fenômeno econômico e social. Por este motivo, os países que investem no turismo devem primar pela formação e qualificação dos residentes, a fim de permitir o desenvolvimento pleno da atividade.

Contudo, o turismo é concebido, predominantemente como vetor que movimenta a economia das localidades turísticas, e a renda auferida é comumente concentrada nas mãos dos empresários. Os investimentos realizados pelas iniciativas públicas e privadas no setor são, prioritariamente, em infra-estrutura, *marketing*, promoções, eventos, treinamento de mão-de-obra, dentre outros, não incluindo programas de educação que conscientizem e formem pessoas numa perspectiva crítica.

Todavia, é de suma importância frisar, que o turismo não deve ser compreendido unicamente sob este viés economicista, afinal, é também um dos propósitos da atividade, a interação entre o visitante e a comunidade local, de maneira a estabelecer transformações em todos os atores envolvidos, especialmente os residentes. A propósito, Goodey (2002) afirma que a atividade turística, através de seu caráter múltiplo e sócio-transformador pode contribuir positivamente, ao reforçar nos moradores o valor intrínseco de construções, paisagens, manifestações culturais, dentre outros elementos herdados do passado e que devem ser respeitados e valorizados. Este fenômeno tem a capacidade de interagir com tais valores, de maneira a favorecer a implantação de um processo educacional, que conduza o indivíduo a uma melhor compreensão do mundo e das interações em sociedade.

Partindo desta premissa, faz-se necessário que o habitante local seja conscientizado sobre a importância de reconhecer e valorizar estes elementos de sua história e do seu espaço de convívio. Para que este processo seja possível, a educação deve se figurar como via de acesso para a construção de uma visão sócio-crítica e consciente da comunidade perante o seu patrimônio e a sua própria existência.

Em consonância com este propósito, em 1998 o Ministério da Educação lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais; documentos que instituem assuntos do cotidiano dos estudantes, como disciplinas da matriz curricular diversificada, o intuito é estimular o

educando a conhecer e explorar temas presentes em sua realidade social na escola, de maneira a incitar a cidadania desde os primeiros anos escolares. Desta forma, o turismo também foi estabelecido como uma destas disciplinas, e vem sendo trabalhado nos 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, que abrangem os períodos da 5ª a 8ª e 9ª séries desta fase escolar.

As cidades que possuem relevância turística têm desenvolvido a disciplina turismo em suas escolas, e Salvador se inclui neste elenco ao desenvolver a disciplina como parte integrante da matriz curricular diversa no ensino fundamental e também como ensino profissionalizante, para estudantes do ensino médio.

A partir desta realidade, que emergem questionamentos acerca da influência que esta disciplina exerce ou pode exercer, em uma cidade de forte tendência turística como Salvador. Portanto, para se obter um recorte deste universo, esta pesquisa se propõe a realizar um estudo de caso na Escola Estadual Severino Vieira, cujo problema é verificar se a forma como a disciplina turismo está sendo trabalhada, vem contribuindo para a conscientização turística dos estudantes desta instituição de ensino.

É importante destacar que a Escola Estadual Severino Vieira, fundada na década de 1980 e objeto do presente estudo foi desmembrada do Colégio Estadual Severino Vieira (CESV), instituído na década de 1940, portanto, a caracterização histórica elaborada nesta pesquisa permeará ambas instituições, uma vez que as suas trajetórias estão diretamente interligadas.

O que motivou a escolha desta instituição foi o seu pioneirismo no que tange o ensino do turismo, o qual começou a ser lecionado oficialmente na década de 1960, além disso, o Colégio Estadual Severino Vieira foi uma das primeiras escolas de Salvador, se destacando pela sua tradição.

Do ponto de vista acadêmico, esta análise se faz válida por abordar um tema que embora muito importante para o desenvolvimento do turismo, ainda não possui um referencial teórico consolidado, além de ser pouco explorado pelos estudantes e profissionais da área. Esta carência de educação para o turismo pode ser observada nas localidades marcadas pelo seu elevado potencial turístico, mas que possuem um planejamento para a atividade ainda incipiente.

A presente pesquisa poderá contribuir para a difusão do tema entre estudantes, professores e pesquisadores da área de turismo, educação, antropologia, sociologia, gestão e desenvolvimento local. Além de incentivar novas produções sobre a importância do enlace entre o turismo e a educação, pois, trata-se de um conteúdo, cujo valor é incontestável para auxiliar no processo de planejamento, desenvolvimento e conscientização turística, não só de

Salvador, mas também de outras comunidades receptoras.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é analisar as práticas pedagógicas de professores da disciplina turismo e sua contribuição para a conscientização turística dos estudantes da Escola Estadual Severino Vieira. Os objetivos específicos compreendem: verificar o perfil dos professores que lecionam a disciplina turismo; identificar a concepção da atividade turística, para professores e estudantes e analisar o projeto político pedagógico da escola, o plano de ensino da disciplina e as práticas pedagógicas.

Nesta perspectiva, as três questões elaboradas para esse estudo são: qual o perfil dos professores que lecionam a disciplina turismo na Escola Estadual Severino Vieira? Os professores e estudantes da disciplina turismo conseguem conceber a atividade turística numa perspectiva sócio-cultural? O projeto político pedagógico, o plano de ensino da disciplina turismo e as práticas pedagógicas desempenhadas promovem a formação de uma consciência para o turismo?

O desenvolvimento da pesquisa baseou-se no método de investigação de estudo de caso. Logo, foram analisadas de maneira descritiva e exploratória as características, os processos, os indivíduos e as relações existentes na Escola Estadual Severino Vieira, verificando o trabalho de educação para o turismo desenvolvido nesta instituição.

O aporte teórico construído a partir do levantamento bibliográfico em livros e produções científicas como artigos, teses e eventos teve como sustento, informações voltadas à educação para o turismo e temas correlatos, a exemplo da educação, sociologia, educação ambiental, educação patrimonial e cultura. A intenção foi obter um respaldo que permitisse outras abordagens a respeito deste assunto.

Por determinação da coordenação da Escola Estadual Severino Vieira, o estudo foi realizado apenas no turno matutino, esta decisão foi uma medida tomada pela instituição, uma vez que o turno vespertino é atingido por constantes problemas estruturais e sociais. Sendo assim, a pesquisa foi realizada com foco nas turmas de 5ª e 6ª séries, e contando com uma amostragem de estudantes das 7ª e 8ª séries, que já estudaram a disciplina.

A caracterização da escola foi construída com base em documentos oficiais cedidos pela própria instituição, nos quais constam dados históricos e legais. Além disso, foi elaborado um breve esboço das escolas públicas estaduais que lecionam a disciplina, mediante informações da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA) e a Diretoria Regional de Educação da Bahia (DIREC-BA).

Para ampliar a coleta de dados e atingir os objetivos da análise, foram utilizados instrumentos de pesquisa como: entrevistas semi-estruturadas com os gestores da escola, que

são diretoria e coordenação pedagógica do ensino fundamental e professores da disciplina turismo, formulários direcionados aos estudantes e ex-estudantes desta disciplina, e a observação das práticas pedagógicas desenvolvidas em aula. Concluída a coleta das informações, os dados e resultados obtidos foram representados em quadros, gráficos e submetidos à análise qualitativa.

Dessa forma, o conteúdo da pesquisa se encontra disposto em cinco capítulos. O presente capítulo consiste na apresentação do projeto da pesquisa. O capítulo 2 engloba as primeiras considerações teóricas no que tange a educação e o turismo, bem como, suas bases e seus pontos de convergência, sob o prisma da conscientização.

O capítulo 3 traz informações que revelam como o processo de educação para o turismo é realizado no ensino público de Salvador, fazendo um panorama do ensino médio e especificando o ensino fundamental. Portanto, são abordados os fundamentos e os aspectos positivos e negativos, além das justificativas que levam a construção de um processo educativo para o turismo, nesta fase escolar.

As informações que constam no capítulo 4 são referentes à Escola Estadual Severino Vieira, o objeto de estudo em questão, assim como suas origens, sua estrutura física e pedagógica, as bases que sustentam a aplicação da disciplina turismo nesta instituição e a apuração dos resultados obtidos, através da análise da prática pedagógica realizada com foco na educação para o turismo.

2 TURISMO E EDUCAÇÃO: construindo diálogos

Os principais pontos de aproximação entre o turismo e a educação são a natureza humana e as relações sociais inerentes a ambas esferas do conhecimento. Dentre os fatores elencados por Azevedo (1999) que ratificam a compatibilidade entre o turismo e a educação, destacam-se: a interdisciplinaridade comum a esses dois campos do saber; a relação existente entre o espaço e a cultura no universo do turismo e a educação ambiental, a qual pode estar inserida no turismo como potencial ou como método aplicável em áreas turísticas.

Este autor ainda reforça que tanto o turismo quanto a educação se constituem em áreas de constante aprendizagem, as quais, juntas, podem permitir a elaboração de um processo pedagógico, embasado na percepção, conhecimento e descoberta de outros modos de vida e realidades.

Apesar desta correlação evidenciar a natureza educativa do turismo, ainda é comum a sua avaliação apenas como atividade motriz da economia de uma localidade. E esta visão concentrada, impossibilita a percepção das diferentes facetas do fenômeno turístico e as inúmeras possibilidades de aproveitá-lo sob uma visão mais humanística, construtiva e enquanto mecanismo de desenvolvimento da comunidade receptora.

A interação entre o turista e o residente representa uma ponte de aproximação que viabiliza a troca de experiências, de culturas, de modos de pensar e agir, que podem conduzir tanto o turista quanto o morador a uma nova compreensão do mundo e das relações que permeiam culturas distintas.

Entretanto, para que esta interação seja de fato realizável e construtiva, é necessário que o cidadão residente tenha um sentimento de pertencimento de sua cultura, a ponto de reconhecer suas origens e sua importância, respeitar o seu espaço e identificar qual é o seu papel na sua comunidade e em sua cidade. E o turismo pode permitir estas transformações quando ele atua como um vetor educacional.

Desta forma, pretende-se analisar as características e as estruturas inerentes ao turismo e à educação, a fim de verificar caminhos que possibilitem a associação de ambas as fontes de conhecimento numa perspectiva de conscientização, desenvolvimento e transformação.

2.1 DOS DESAFIOS DO TURISMO

Para o turismo ser compreendido enquanto instrumento de educação, de formação crítica e consciente, é primordial o reconhecimento da sua natureza social e humana. Daí a necessidade de se levar em consideração os aspectos que lhe dão essa condição de agente sócio-transformador.

De acordo com Weber (apud CASTRO, 2002) a sociedade deve ser compreendida com base no conjunto de interações sociais, determinadas pelos afetos ou estados emocionais, bem como a relação entre os indivíduos, tradições e costumes arraigados, dentre outros valores predominantes nela. Logo, a ação social é um componente universal, específico e fundamental para a organização da sociedade humana.

Apoiando-se nesta abordagem, pode-se inferir que o turismo é um fenômeno social perfeitamente caracterizado, pois o cerne da atividade turística se constitui em relações sociais, produto das manifestações dos indivíduos enquanto grupo, e provenientes do caráter básico do turismo: o movimento de pessoas. Como propõe Cruz (2003, p.4.) “[...] é justamente a dinamicidade das sociedades que faz essa transformação no significado de que se habituou chamar turismo.”

Por refletir interações societárias, o turismo adquire um caráter multifacetado e dinâmico, que lhe permite transitar por diversas áreas do conhecimento, a exemplo da educação, sociologia, geografia e história, as quais também utilizam o turismo como objeto de estudo. Castro (2002, p. 111) defende que “o turismo compreende um conjunto complexo de relações e como todo fenômeno social, a natureza pluridimensional permite vários *approaches* para análise e estudo, e exige a interdisciplinaridade para a compreensão [...]”.

Cada definição analisa e explora o turismo sob a ótica de seu ramo de conhecimento, as divergências são explícitas, pois existem concepções de naturezas distintas. Dentre as inúmeras conceituações existentes para o turismo, Jafar Jafari traz uma definição holística que exprime uma visão global do fenômeno, do ponto de vista antropológico, dando ênfase ao caráter integrado da atividade:

[...] é o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sócio-cultural da área receptora (JAFAR JAFARI, apud BENI, 1998, p.38).

Seguindo esta linha de pensamento, Jost Krippendorf (2001), considerado um dos

pioneiros no desenvolvimento do turismo sustentável, também concebe a atividade numa perspectiva sócio-cultural. O autor defende a existência de um turismo harmonioso, pautado na integração, participação mútua entre turista e comunidade, e conscientização, que venha substituir os efeitos devastadores do turismo de massa, produto da sociedade industrial.

Ferreira (1993) diz que os apelos desta “nova sociedade”, bem como a revolução técnica científica, a comunicação moderna, a explosão demográfica e a urbanização, alteraram definitivamente as condições de existência do homem, produzindo novas racionalidades e afetando a vida em sociedade. Desta maneira, o turismo sendo um produto social, também foi atingido por tais transformações; a atividade atinge o seu auge no século XX, quando sob os efeitos da Revolução Industrial, se configurou como “turismo de massa”, adquirindo *status* de indústria, ferramenta de uso do capital:

[...] o modelo econômico adotado pela sociedade contemporânea, o qual se define como capitalismo, foi, e ainda continua sendo capaz de transformar a composição do espaço e as dinâmicas sociais. A atividade capitalista modificou as estruturas do trabalho e da produção [...] (BURNS, 1974, p.661 apud SALES; ANTONIO FILHO, 2008).

Sob os efeitos desta transformação moderna, a atividade do turismo passou a ser mensurada como uma cadeia de relações sistemáticas, que envolve direta e indiretamente outras indústrias, como a hotelaria, viagens, comércio, lazer e recreação, eventos, comunicação, mídia e multimídia, alimentos e bebidas, e outras, que se complementam numa relação de interdependência. A partir da intensificação das viagens, que o turismo de massa começa a ser processado. A disposição em atrair, seduzir o turista por meio do fascínio e satisfação de desejos e fantasias, que camuflam a lógica do consumismo, da alienação e individualismo humano:

o turismo como estimulador na reprodução e ampliação do grande *capital*, por ele, surgem os delirantes mega empreendimentos turísticos, que abusam do lúdico dos homens e inculcam nas crianças um imaginário do irreal possível: o homem que voa; a sensação de pilotar uma nave espacial; heróis que nunca morrem; monstros amigos; animais ferozes cativos, tudo isso, na busca de oferecer lazes e entretenimentos diversos e diferenciados para classes que podem pagar pela exacerbação do lúdico mercadológico. (SANTOS FILHO, 2008).

Os resultados positivos da balança comercial turística e os ganhos auferidos pelos interesses dominantes contribuíram para que o turismo começasse a ser observado, sob a ótica

de concepções tidas como “desenvolvimentistas” e avaliado estritamente como atividade econômica, reduzido a instrumento exclusivo do capital.

O problema do turismo não está na sua capacidade de gerar lucros, pelo contrário, a geração de divisas é fundamental para se alcançar o desenvolvimento social, o entrave se encontra na maneira como este lucro é auferido, distribuído e os impactos causados neste processo, uma vez que este turismo que vem sendo desenvolvido visa à massificação do movimento de pessoas, a fim de obter maiores lucros; o que obedece à lógica da quantidade em detrimento da qualidade.

Desta forma, a necessidade básica de deslocar-se no espaço se transformou num comércio de interesses, sustentado pela máquina do capital: o lucro, o acúmulo de riquezas e o privilégio dos interesses dominantes (empresas privadas “subsidiadas” pela iniciativa pública e vice-versa). A partir do momento, que o turismo assume esta forma reduzida, ele passa a privilegiar uns em detrimento de outros, negando o conceito holístico da atividade.

Como exemplo disto, Goodey (2002) afirma que quando o turismo se encontra em crise, a saída encontrada pelos gestores da atividade em suas diversas estâncias é o incremento mercadológico, através da melhoria ou inovações da infra-estrutura turística. Esta prática compreende uma medida em curto prazo, visto que não sana a totalidade da carência, deixando lacunas, as quais podem aumentar a gravidade do problema a longo prazo e contribuir sensivelmente para a deterioração do produto turístico e das relações entre o turista e a comunidade.

Fica nítido que ao ser concebido apenas sob este viés mercadológico, o turismo assume um caráter artificial, elitista e excludente, além de deixar de desenvolver o que há de mais valioso em sua identidade: as possibilidades de atuar de maneira integrada. Por isso, é importante salientar, que o turismo não pode ser feito único e exclusivamente de turistas e indústrias que atendam às suas necessidades, pois o local estruturado como palco para as “intervenções turísticas” e fonte de satisfação das vontades dos visitantes são dotados, de símbolos, valores, tradições, costumes, e por pessoas, as quais deram identidade aquele espaço, que merece ter sua integridade respeitada e preservada

Nesta sintonia, Ruschmann (1997) frisa a falta de “cultura turística” das pessoas que viajam, as quais se comportam de maneira alienada e individualista, além de não acreditarem ter responsabilidade na preservação da natureza e da originalidade do local visitado.

Este tipo de comportamento, em alguns casos provoca um sentimento de repulsa nos moradores, de maneira a criar barreiras que impedem a aproximação entre turista e

residente. Com o intuito de reverter este contexto, Goodey (2002) revela a importância do planejamento local, pois ele que vai dar início a uma renovação no processo de autoconhecimento, no qual também se inclui a identidade dos valores comunitários, e assim, tudo aquilo que a comunidade valorizar para si própria, o que ela deseja preservar, é possivelmente, o que ela vai querer compartilhar com os outros.

A construção desta identidade consciente é possível através de um trabalho de educação crítica e cidadã. Portanto, é indispensável o desenvolvimento e firmamento de ações educativas, planejadas e voltadas para a conscientização de residentes e turistas, a fim de promover um melhor aproveitamento da atividade e uma relação recíproca e harmoniosa, onde ambas as partes possam adquirir experiências significativas que contribuam para a formação de um caráter social, humano e coletivo.

2.2 ÀS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA

O amplo universo da educação se desmembra em caminhos, que levam a diferentes formas de conceber o ato de educar; um processo educativo que tenha como foco a construção do conhecimento e onde o indivíduo seja compreendido como, sujeito social, agente transformador, crítico e participativo, se aproxima dos conceitos defendidos pela linha teórica da educação construtivista.

Falar de educação e turismo exige descobrir os reais sentidos de palavras como participação, transformação e construção, partindo desta premissa, a teoria da educação a ser tratada permeará os pensadores do construtivismo.

Iniciando o debate, Moretto (2002) e Fosnot (1998) afirmam que o construtivismo contesta a idéia de educação como forma de transmissão do conhecimento, uma vez que esta linha de pensamento parte da ótica do observador, o qual constrói a sua realidade por intermédio da experiência, pois, a realidade não é um dado pronto para ser descoberto, mas sim uma representação que dela o indivíduo constrói em relação com outros sujeitos.

Esta lógica construtivista, que nega a idéia de conhecimento adquirido passivamente, conduz a teoria educacional freiriana, cujo apelo é de uma educação plural e cultural, a qual permita aos sujeitos participarem ativamente da vida de suas comunidades e de seus países. Torres (1979) confirma esta teoria ao defender que, Paulo Freire concebe o homem como um ser de relações e não só de contatos, por isso, o homem não deve estar

apenas no mundo, mas com o mundo. Portanto, sua vivência não deve ser uma simples adaptação, acomodação ou ajustamento, visto que isso corresponderia a uma desumanização, e para que este processo não ocorra, o indivíduo precisa integrar-se à realidade que o circunda, atuando como um ser transformador e desenvolvendo a sua capacidade de opinar e criticar.

Reforçando o debate, Paulo Freire (1977) defende a educação como um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade, um ato de conscientização, que implica em um processo no qual a pessoa deve transcender a esfera espontânea da realidade, para chegar a uma esfera crítica em que seja assumida uma posição de sujeito. Logo, quanto maior o conhecimento sobre a realidade, maior a conscientização do indivíduo.

Contudo, o próprio autor ressalta que não se trata de estar perante a realidade assumindo uma posição falsamente intelectual, pois a conscientização não pode existir fora da práxis. A práxis educativa de Freire corresponde ao ato de educar para o desenvolvimento humano, é permitir que o indivíduo contribua para o progresso da sociedade, através de uma participação responsável, consciente, possível através da vivência da humanidade e do acúmulo de experiências consigo e com o outro. Delors (2001, p.19) complementa esta visão, supondo um ideal de educação:

trata-se de aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento acerca dos outros, da sua história, tradições e espiritualidade. E a partir daí, criar um espírito novo que graças, precisamente, a esta percepção das nossas crescentes interdependências, e graças a uma análise partilhada dos riscos e dos desafios do futuro, conduza à realização de projetos comuns ou, então, a uma gestão inteligente e apaziguadora dos inevitáveis conflitos; utopia pensarão alguns, mas utopia necessária, utopia vital para sair do ciclo perigoso que se alimenta do cinismo e da resignação.

Por isto, a escola enquanto alicerce social, precisa se inserir neste processo. Bauer e Bassi (2006) defendem que a instituição escolar precisa estar comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na sociedade para transformá-la, já que um indivíduo com valores pode ser o início do caminho para um mundo melhor, não podendo mais tratar os valores apenas como conceitos idéias:

os conhecimentos que se transmitem e se recriam na escola, ganham sentido quando se tornam produto de uma construção dinâmica entre os saberes escolares e os demais saberes. A escola deve possibilitar ao aluno a valorização da cultura do seu grupo e, ao mesmo tempo, ultrapassar seus limites propiciando o acesso ao saber elaborado na cultura brasileira e aquele que faz parte do patrimônio universal da humanidade. (SILVA apud

PORTUGUEZ, 2001, p.79).

Sendo assim, as instituições escolares também devem se configurar em espaços de formação para a vida e para a cidadania, e não apenas como meros instrumentos de qualificação e instrumentalização sistêmica. A propósito, para Gadotti (2000), a escola precisará se estruturar como um veículo de educação para a diversidade, um espaço de convivência, onde os conflitos sejam trabalhados e não camuflados, uma vez que, cresce na sociedade uma reivindicação contra toda forma de uniformização e o desejo de singularidade de cada região, de cada língua, de cada cultura.

E como propõe o construtivismo, a educação não deve se estabelecer apenas como um referencial explicativo, ela não é um livro de receitas, mas um conjunto articulado de princípios em que é possível diagnosticar, julgar e tomar decisões fundamentais sobre o ensino, ou seja, as teorias irão fornecer instrumentos de análise e reflexão sobre a prática, sobre como se aprende e como se ensina (COLL; SOLÉ et al, 2003).

2.2.1 Práticas pedagógicas: “aprender ensinando e ensinar aprendendo”

Conforme a lógica construtivista, a prática pedagógica é essencialmente ação, diz respeito a experiência, interação e realidade, por isso é indispensável o diálogo entre a teoria e a prática, a fim de possibilitar uma troca recíproca entre educador e educando e vice-versa.

Neste sentido, Machado (2005) concebe a prática pedagógica como o produto entre a atividade do professor e do estudante. Considerando-se que a atividade crítica e criativa do estudante é fundamental para a ocorrência de aprendizagem significativa e sem a qual é impossível existir uma prática pedagógica.

A autora expõe a necessidade de haver um diálogo entre estes dois agentes e Freire (1983) justifica este fato, baseando-se em sua práxis transformadora, na qual o homem é visto como ser inacabado, se fazendo e se refazendo na interação com o mundo. Tal pensador enfatiza que entre o educador e o educando não há mais uma relação de verticalidade, em que um é o sujeito e o outro objeto, pois ambos são sujeitos do ato cognoscente, é o “aprender ensinando e o ensinar aprendendo”.

Partindo deste propósito, observa-se a urgência de uma educação focada na realidade, deste modo, as práticas pedagógicas atuais, devem exigir a identificação e apreensão de elementos da sociedade, os quais interferem no ambiente da escola. Esta,

enquanto agente formador de cidadãos e sujeitos sociais necessita estar ciente de tais características, fundamentais para a formação do estudante.

Como sugere Souza (2005), a escola deve ter como ponto de partida os aspectos da formação sócio-econômica brasileira: as relações de produção, classes sociais, cultura como prática social e ideologia. Nesta perspectiva, Giroux (1997) diz que em primeiro lugar, é importante considerar a prática pedagógica como parte de um processo social, ela envolve a dimensão educativa não apenas na esfera escolar, mas na dinâmica das relações sociais que produzem aprendizagens, que produzem o “educativo”.

E este é o papel da escola, permitir que o estudante contextualize a sua vida, com a vida de sua comunidade, possibilitando-lhe a troca de experiências e conhecimentos, despertando-lhe para a participação. Uma educação para a vida, que se caracterize numa via de acesso para a construção humana, social e, conseqüentemente, do desenvolvimento local. Caminhos para a conscientização: consciência de si, do outro e do seu espaço.

Daí a necessidade de compreender a prática pedagógica como uma articulação entre a teoria e a experiência, que possibilite relacionar os aspectos presentes no cotidiano do indivíduo com o ambiente da sala de aula; é uma forma de estimular o educando a sentir-se mais atuante e inserido em sua realidade.

Veiga (1992) defende que uma prática pedagógica crítica pressupõe um vínculo indissolúvel entre teoria e prática, no qual exista uma ação recíproca entre o professor, o estudante e a realidade. Por isso, a figura do professor é preponderante neste processo, ele deve se apresentar como um mediador na construção do conhecimento do educando, aguçando-lhe a capacidade de questionar e motivando-o a participar, opinar e criticar:

o educador tem como missão criar condições para que o educando encontre o seu eu profundo e, ao mesmo tempo, viva na realidade histórica, plenamente engajado como pessoa, cidadão e profissional. (HANNAS; PEREIRA, 2000).

Portanto, é essencial uma atenção no que se refere a composição do ambiente de aprendizagem, seja ele a sala de aula, ou qualquer outro espaço extraclasse. A utilização de recursos, métodos e técnicas de ensino irão viabilizar o melhor aproveitamento do processo de ensino-aprendizagem, facilitando a apreensão e estímulo do estudante perante o conteúdo apresentado.

O conjunto destes instrumentos de ensino compreende a didática, cuja principal função é minimizar as dificuldades encontradas pelos estudantes através do suporte material

(MOYSÉS,1994). Os recursos didáticos funcionam como interface mediadora no processo de ensino aprendizagem, e envolve uma série de elementos de natureza distinta, salientando que tais recursos devem ser utilizados em consonância com o conteúdo teórico do professor, obedecendo a objetivos e propósitos específicos.

Tais recursos são elementos complementares que ajudam a transformar as idéias em fatos e realidades, auxiliando na construção de situações, experiências, demonstrações, sons, imagens e fatos para o campo da consciência, onde eles se transmutam em idéias claras e inteligíveis (LOPES, 2004).

Quando bem empregados, os recursos didáticos podem colaborar da seguinte forma:

1- motivar e despertar o interesse dos participantes; 2- favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação; 3- aproximar o participante da realidade; 4- visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem; 5- oferecer informações e dados; 6- permitir a fixação da aprendizagem; 7- ilustrar noções mais abstratas; 8- desenvolver a experimentação concreta. (TEXTOS PEDAGÓGICOS, 2008)

Segundo Boyadjieva et al (2008), em 1957, Edgar Dale desenvolveu uma pirâmide de aprendizagem para ilustrar a relação entre abordagens de ensino e de aprendizagem, bem como, o impacto que estas têm na retenção de conhecimentos, pelo estudante, após um período de duas semanas. A pirâmide evidencia que abordagens ativas que envolvam “aprendizagem fazendo” podem ajudar a maximizar o processo de ensino-aprendizagem. Geralmente os educandos aprendem melhor quando lhes é dada a oportunidade de trabalhar com abordagens de ensino e aprendizagem transformadoras e ativas.

Tempo de retenção da informação

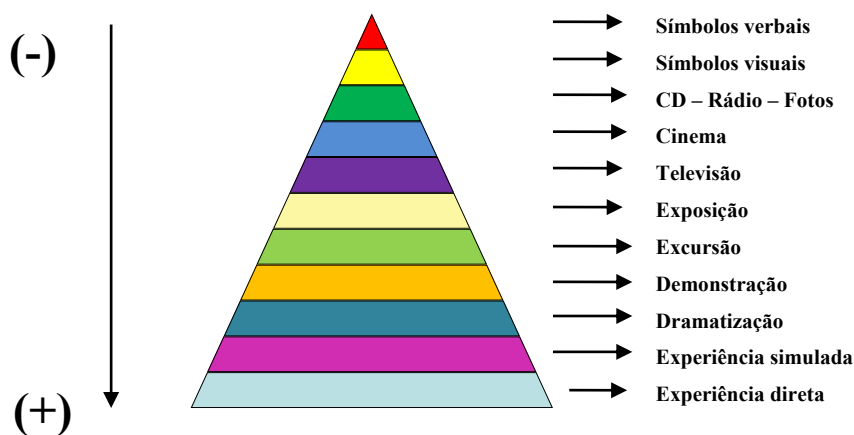


Figura 1: PIRÂMIDE DE DALE

Fonte: Elaborado pela autora baseada em BOYADJIEVA et al, 2008

A Figura 1 revela uma necessidade, que é a importância de utilizar recursos áudio-visuais e não somente restringir o ensino a oralidade, visto que são aliados determinantes para trabalhar qualquer tipo de conteúdo, além de se configurarem ótima ferramenta lúdica de estímulo, prazer e aceitação para os estudantes.

Tais elementos também devem estar presentes num processo de educação para o turismo, principalmente em razão de sua natureza, marcada pela dinamicidade, e interdisciplinaridade, ao abranger elementos que reverenciam a cultura e a diversidade, lhe permitindo o diálogo direto com o lúdico e o criativo.

Beni (1998) confirma esta premissa, ao dizer que o sistema estrutural turístico se vale de um conjunto de relações ambientais distintas, de natureza ecológica, social, econômica e cultural, as quais englobam procedimentos, doutrinas e idéias, que precisam estar logicamente ordenadas e coesas, para dirigirem o funcionamento de um todo.

Por atingir ambientes diferentes, o turismo necessita adotar como ação primordial o planejamento, a fim de permitir a conciliação, a ordem e a fertilidade das relações. Pois o ato de planejar vai implicar na percepção e avaliação da realidade em que o turismo está inserido, com vistas a propor alternativas de desenvolvimento e controle de ações.

E especialmente, pelo fato desse sistema envolver grupos humanos, que é necessário preparar estes agentes para aprenderem a dialogar com os demais entes constitutivos desta complexa cadeia que é o turismo. Portanto, a harmonia entre a educação e o turismo que permitirá construir um vínculo interdisciplinar, proporcionando a formação de indivíduos completos, realistas e conscientes de sua atuação nesta atividade.

2.3 EDUCAÇÃO PARA O TURISMO: caminhos para a conscientiz(ação)

A expansão do turismo trouxe significativas transformações para a economia de grande parte das comunidades receptoras, em contra partida, este súbito crescimento aliado ao seu manejo irregular, vem provocando uma série de impactos negativos de natureza sócio-ambiental, que provocam questionamentos acerca dos reais propósitos da atividade.

Na tentativa de encontrar um ponto de equilíbrio entre o turismo e o seu próprio sustento, vem crescendo no mundo uma mobilização em defesa da sustentabilidade da atividade, através de estratégias educativas, que realcem outra dimensão do turismo, enaltecendo as possibilidades de desenvolvê-lo, praticá-lo e usufruí-lo de maneira mais controlada e sustentada.

Trata-se da educação para o turismo, um movimento que vem ganhando notória representatividade na sociedade mundial, especialmente nos últimos 50 anos, porém, assim como a própria indústria, sua natureza é muito fragmentada. (COOPER; SHEPERD; WESTLAKE, 2001).

Na visão de Portuguez (2001) esta dissociação que inviabiliza um processo educacional para o turismo mais eficaz é o fato de a atividade, ainda estar vinculada a uma visão econômica. Enquanto os atrativos e potenciais turísticos são divulgados, o estudo do planejamento dos mesmos para garantir o desenvolvimento é completamente deixado de lado. Dessa forma, a atividade cresce em ritmo frenético e predatório.

A fim de suavizar esse paradoxo, que se faz de suma importância estabelecer diretrizes e incentivos voltados a construção de uma consciência para o turismo. O objetivo é evitar que a apropriação inadequada da atividade sobre as paisagens turísticas, continuem a depredar as cidades e patrimônios pertencentes à humanidade.

Consciência para o turismo implica na desconstrução de uma postura de comodismo e passividade, ela requer participação direta dos agentes envolvidos, incluindo gestores, empresários, comunidade e turistas, para a construção de uma identidade, o entendimento, a defesa e a realização de ações que permitam mitigar os danos da atividade.

Neste sentido, Ribas (2002) defende o seguinte propósito:

[...] educar para o turismo é uma necessidade para que o desenvolvimento da atividade turística não seja responsável pela extinção da mesma, pois sem planejamento para o progresso, o turismo pode ocorrer de modo que a constante presença humana venha a esgotar os recursos e atrativos, os quais compõem sua matéria-prima.

A educação, sem dúvidas é um dos aportes fundamentais de estímulo e desenvolvimento de qualquer tipo de atividade. E uma das fragilidades do turismo é o não aproveitamento desta ferramenta para permitir um desenvolvimento integrado dos agentes responsáveis pelo seu funcionamento, se configurando numa ingênua contradição; afinal é impossível estabelecer uma relação sadia e homogênea se os entes que compõem esta cadeia estrutural não são intercomunicantes.

O tripé básico que sustenta o fenômeno do turismo em qualquer localidade é formado pela comunidade receptora, a infra-estrutura turística e o visitante. Caso um destes elementos se apresente de maneira isolada e não dependente, certamente a atividade não encontrará base sólida para o seu desenvolvimento.

Apesar desta falta de interação ser uma realidade, a comunidade turística internacional, bem como os seus gestores e representantes, ainda continua concentrada nos índices de fluxos turísticos, cada vez mais elevados, ao longo das décadas. Segundo a Organização Mundial do Turismo (apud BAHIA, 2005) entre 1991 e 2004, o movimento turístico internacional cresceu cerca de 123,8% considerando-se o fluxo e a receita. A organização ainda prevê para o ano de 2020, um movimento em torno de 1,6 bilhões de pessoas, sendo 1,2 bilhões em viagens intra regionais e 0,4 bilhões em viagens de longa distância.

Estes números podem revelar um significativo crescimento econômico, mas nem sempre indicam índices de desenvolvimento turístico para a maioria das localidades receptoras do mundo; especialmente aquelas localizadas em países em desenvolvimento, como o Brasil.

Para Ruschmann (1997) os dados econômicos são mais requisitados, por serem mensurados com mais facilidade. Ao contrário de aspectos sócio-culturais, naturais e humanos, que possuem componentes intangíveis, cuja avaliação é altamente subjetiva. Logo, estes elementos de fundamental valor para a construção de um planejamento mais responsável do turismo são camuflados pelos vultosos índices estatísticos.

Desta forma, os núcleos receptores continuam a desenvolver um turismo deficiente e escorado na balança comercial. A propósito, a autora ainda diz que os efeitos do turismo sobre a renda têm sido mais concentrados, em virtude da sua imagem de “salvação” exaltada por muitos países com economias debilitadas, em razão do ingresso de moedas estrangeiras “fortes”.

Infelizmente, o Brasil compartilha desta realidade contraditória. Ainda hoje, em 2010 é comum encontrar em terras brasileiras, cidades bem servidas de ricos atrativos naturais, culturais e humanos, mas que apresentam claramente uma série de problemas que convergem em um desenvolvimento social e turístico ainda incipiente, mesmo diante de suas assumidas potencialidades e aumento de fluxo.

E a Bahia pode ser considerada um exemplo deste universo. Segundo pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisa Econômica (FIPE), a Bahia teve um fluxo global de 9.052.000 turistas em 2008, conforme Tabela 1 a seguir.

Tabela 1
FLUXO TURÍSTICO DA BAHIA,
SUA POSIÇÃO EM RELAÇÃO AO NORDESTE DO BRASIL

Estado	Fluxo Global		Fluxo internacional		Fluxo doméstico	
Bahia	9.052.000	7%	514.000	10,2%	8.538.000	6,9%
Ceará	4.497.675	3,5%	140.728	2,8%	4.445.244	3,6%
Pernambuco	3.598.140	2,8%	120.624	2,4%	3.457.412	2,8%

Fonte: FIPE, 2008. Disponível em <www.bahiatursa.ba.gov.br>
 Acesso em: 12 jan. 2009.

Os resultados acima apontam que a receita turística alcançada pelo estado foi de R\$ 5, 068 bilhões, sendo R\$ 779, 8 milhões provenientes do fluxo internacional, enquanto o fluxo doméstico, nacional e local, contribui com R\$ 4, 288 bilhões. Deixando o estado entre os mais visitados destinos do Nordeste e revelando a alta capacidade de atrair visitantes que a Bahia tem.

No entanto, a gestão pulverizada do turismo no estado, proveniente da dispersão das instituições destinadas a este fim, revelam a heterogeneidade qualitativa do destino, marcado pela deficiente infra-estrutura turística, a exemplo do incipiente sistema de transportes públicos, incluindo aeroportos, portos, rodovias e outros, e a saturação dos roteiros, movidos a Carnaval e alta estação. Ainda assim, as pesquisas aparentemente mostram um crescimento da atividade, dados estes que permitem visualizar apenas a movimentação de turistas e de divisas (CONCEIÇÃO, 2009).

Segundo a FIPE (2008), a Baía de Todos os Santos, incluindo Salvador é responsável pela atração de 35,1% de todo o fluxo receptor doméstico da Bahia. Entretanto, se por um lado as pesquisas revelam o papel de destaque de Salvador no que tange a atração de turistas, tornando-a um dos principais destinos baianos em termos de tradição e fluxo turístico, o cotidiano da cidade sotropolitana denuncia outra realidade.

A ausência de interconexão entre os três elementos básicos do turismo é demasiado comum; acabou se tornando natural a dissociação dos residentes do universo turístico, o desconhecimento, o não aproveitamento, o receio e principalmente a não participação nas políticas e ações inerentes ao turismo de Salvador. Os moradores, em boa parte das vezes e equivocadamente, incorporam a idéia de que “turismo é apenas para turista”

e não tem a noção de que é o seu ambiente que está sendo explorado e invadido. Além disso, falta a consciência do importante papel a ser desempenhado por eles para auxiliar no desenvolvimento da atividade e da conscientização de outros atores envolvidos nessa rede. Um conformismo que põe a comunidade num papel de mero coadjuvante do processo.

Contudo, é imprescindível frisar que por ser integrante do espaço turístico visitado, a comunidade tem por direito participar das decisões concernentes ao planejamento e desenvolvimento do turismo, afinal, eles se constituem em uma das bases de sustentação da atividade e a personificação do local. Rodrigues (1999) ainda salienta que é de vital importância instrumentalizar através da educação para o turismo as comunidades locais, a fim de torná-los elementos ativos nos projetos turísticos e indivíduos inseridos na realidade do turismo de maneira atuante.

o respeito na relação entre turista e visitante se fundamenta na compreensão dos valores culturais e das crenças que nos levam a ter comportamentos distintos. Para isto é fundamental a comunicação bem como todos os outros meios de que a indústria do turismo pode hoje se valer, mas também requer que a comunidade conheça a si própria. A essência do planejamento turístico local é que a comunidade, em todos os seus segmentos, tenha consciência de seu patrimônio, tanto do patrimônio material quanto do imaterial e que decida sobre aquilo que deseja compartilhar e o que deseja guardar para si, e que escolha onde e como deseja que esta troca ocorra. É claro que a educação, a consciência ambiental e uma noção razoável de Geografia e História precedem qualquer compartilhamento com outrem. A base da eficácia do turismo sustentável é assim, o autoconhecimento e uma administração consciente do ambiente, pelo qual somos temporariamente responsáveis (GOODEY, 2002 p. 55).

Entretanto, a maioria das localidades turísticas ainda não alcança a realidade acima relatada. Uma das principais causas da não participação da comunidade nas questões referentes ao turismo é o fato de os moradores, em sua grande maioria, pessoas de mínima ou quase nula instrução educacional e renda econômica baixa, enxergarem apenas os benefícios do turismo; que para eles significa um ótimo complemento à renda. Essa relação de subserviência é muito perceptível nas localidades onde predomina o turismo de sol e praia, a exemplo de Salvador, nas quais, boa parte dos moradores se conforma unicamente com os lucros da alta estação: o sucesso da pesca, do comércio ou de outras atividades que atendam aos interesses dos visitantes. A necessidade de sobreviver, prevalece diante aos seus direitos de cidadão e, inconscientemente, até mesmo a própria comunidade contribui para que o turismo de massa seja mais devastador.

Educar para o turismo tem sido uma das premissas defendidas pelos gestores da atividade, em várias localidades receptoras, porém, as ações executadas, em sua maioria é pouco efetiva, ou tem como princípio básico a instrumentalização da mão-de-obra turística, reverenciando os benefícios econômicos da atividade.

Como exemplo destas iniciativas, está a primeira política de turismo, desenvolvida no governo Fernando Henrique Cardoso, de 1996. Dentre as ações planejadas se destaca a capacitação do capital humano nos municípios de potencial turístico, ou seja, investir em formação e qualificação, para elevar a competitividade nos diferentes mercados, através do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), desenvolvido entre 1994 e 2002.

Um dos objetivos do programa era conscientizar a sociedade para a importância do turismo como instrumento de crescimento econômico, geração de emprego, melhoria da qualidade de vida da população e preservação do patrimônio natural e cultural. Outra medida foi a conscientização e iniciação escolar para o turismo, objetivando induzir nos estudantes o respeito ao turista; esta proposta foi lançada como uma apêndice do PNMT, por possuírem objetivos semelhantes (BRASIL, 1996).

Apesar de estas diretrizes referenciar a necessidade de preservação natural e cultural e a hospitalidade do residente, o objetivo que prevaleceu foi a qualificação profissional, com vistas ao desenvolvimento da economia. Porém, o Programa Nacional de Municipalização do turismo não foi aderido com tanto sucesso pelos municípios brasileiros, sendo substituído posteriormente ao Programa de Regionalização do Turismo, lançado em 2003, no Governo Lula e vigente nos dias atuais.

As políticas de turismo da atualidade continuam a enaltecer a importância de preparar a sociedade para se enquadrar à necessidade do mercado, aproveitando o alavanche econômico da atividade. Contudo, a busca por imprimir qualidade ao produto turístico brasileiro, através da qualificação e requalificação do capital humano, atualmente, segue em paralelo com outra necessidade, que este contexto de competição fez surgir.

Trata-se da responsabilidade social do turismo, pois é impossível oferecer mão-de-obra apta ao trabalho, se a população não possui condições de vida adequada. Afinal, o turismo enquanto atividade terciária é dependente do elemento humano, e a comunidade deve estar consciente e receptiva a qualquer visitante.

Além disso é de fundamental importância a atenção ao residente, não se deve ignorar o ser humano que vive na região hospedeira e que participa diretamente da recepção e do atendimento ao visitante. A valorização da mão-de-obra local abre espaço para um

investimento em qualidade, com a conscientização acerca do papel representado, por cada um, nesse processo competitivo. (OLIVEIRA; MEDEIROS, 2002).

Ressaltando que não se trata unicamente de conhecimento técnico, mas especialmente estimular a participação das comunidades dos núcleos receptores no processo sócio-educativo, melhorando suas condições de vida e a qualidade da experiência do turista. Pois, envolver a comunidade é um passo importante para o desenvolvimento sustentável da atividade turística, de maneira a possibilitar a maior percepção do morador local sobre a importância do turismo, assim como, o respeito e a valorização do seu patrimônio natural e cultural. Essa mudança se traduz em melhoria da qualidade dos serviços prestados e em maior receptividade da população local para com o visitante (BAHIA, 2005).

Apesar dessas idéias permearem documentos e diretrizes de planejamento turístico de todas as esferas governamentais, esse desejo de planejamento sustentado, responsabilidade social e integração da comunidade, acabam ficando no plano ideal. Poucas são as iniciativas práticas que conduzam o turismo a assumir essa nova postura, faltam investimentos, falta diálogo entre as estâncias públicas, privadas e a sociedade civil, e principalmente, faltam ações a médio e longo prazo que priorizem a construção de uma estrutura sólida da atividade, de maneira a vislumbrar uma gestão sustentável do turismo:

o desenvolvimento sustentável requer que as comunidades locais, mesmo em vista das limitações políticas impostas pelo Estado, obtenham maior controle sobre seus recursos e seu futuro. Tal controle possibilita uma considerável redefinição do que constitui de fato os recursos e o futuro das localidades. (GOODEY, 2002. p.49).

Visando conter a ação predatória do turismo de massa, o turismo sustentável desponta como modalidade alternativa, ao buscar a prática do turismo adicionado a educação, lazer, equidade social, integração e participação da comunidade, a fim de resgatar as relações sociais, essência da atividade turística. Go (2001) ainda enfatiza o quanto a educação para o turismo e o estabelecimento do respeito imediato aos valores locais e sua compreensão pelo visitante, estão no cerne de qualquer desenvolvimento de um ambiente turístico, tanto para o turista, como para a comunidade.

Quando o turismo assume o seu caráter educacional, ele ajuda a resgatar as práticas de lazer e cultura, indispensáveis para o desenvolvimento da cidadania, sensibilizando os residentes para a preservação dos patrimônios da cidade e do meio ambiente, além de valorizar a saúde da comunidade, e despertar o respeito pela vida coletiva.

Assim, percebe-se a possibilidade de desmitificar a idéia de que o turismo se resume unicamente a festas e viagens, geralmente vistas sob uma ótica preconceituosa. Fazendo com que, até mesmo aquele cidadão mais alheio ao universo turístico, se sinta estimulado a interagir, participar e compreender que assim como o turista ele também é figura essencial para que o turismo funcione.

E nada mais adequado do que estimular o cidadão a conscientizar-se para o turismo, desde seus primeiros anos escolares, pois, é também na escola que ele construirá seus projetos de vida enquanto integrante da sociedade.

No entanto, embora a característica multifacetada do turismo favoreça a implantação de um processo educacional, devido a sua facilidade de trânsito interdisciplinar, ainda existe uma série de dificuldades, que inviabilizam o estabelecimento de um conectivo entre a educação e o turismo, bem como entraves estruturais, sócio-culturais e políticos que acompanham a atividade turística brasileira e o sistema nacional de ensino.

3 EDUCAÇÃO PARA O TURISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL

O sistema escolar brasileiro é constituído por quatro níveis de ensino, os quais compreendem diferentes etapas da formação intelectual, social e cidadã dos estudantes, bem como a educação infantil, o ensino fundamental, o ensino médio e o ensino superior, conforme a seguinte hierarquia.

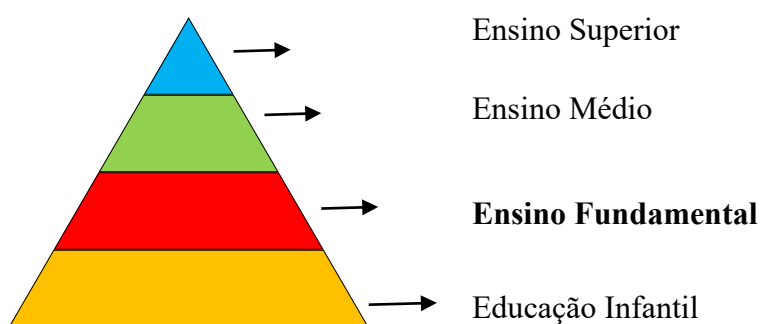


Figura 2: HIERARQUIA DO SISTEMA ESCOLAR BRASILEIRO

Fonte: Elaborado pela autora baseada na Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação. nº 9 394/96.

A Lei de Diretrizes e Bases Nacionais (1996) estabelece que cada etapa do ensino, possui uma finalidade específica. A Educação infantil e o Ensino Fundamental correspondem etapas básicas da educação brasileira. A primeira tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Já o Ensino fundamental é a fase posterior, direcionada à crianças a partir dos sete anos de idade, esta fase objetiva formar o educando, a fim de prepará-lo para o exercício da cidadania e fornece-lhe os meios para progredir no trabalho e nas etapas posteriores de ensino. Sendo assim, o ensino fundamental é a fase elementar para qualquer cidadão desenvolver-se e descobrir-se enquanto sujeito social.

Em 2006, o presidente da república sancionou a lei nº 11.274/2006, a qual determina a ampliação deste ensino, a partir do acréscimo de mais uma série escolar no processo que anteriormente era concluído em 8 anos.

Para concluir esta etapa de ensino, o estudante precisa desenvolver a sua capacidade de aprender, tendo como meios básicos, o domínio da leitura, da escrita, e do cálculo; compreender o ambiente natural e social, o sistema político, a tecnologia, as artes e os valores em que se fundamenta a sociedade; formar atitudes e valores e fortalecer os

vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996 a). É com base nestes propósitos que a LDB normatiza a educação da seguinte maneira:

a educação abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996 a).

A fim de atender aos pré-requisitos do ensino fundamental, enquanto etapa construtiva do intelecto do estudante, lhe dando os subsídios para a sua formação social, as escolas deste nível de escolaridade utilizam mecanismos que consistem no planejamento das ações para uma possível prática pedagógica. Dentre os elementos utilizados estão: o currículo, os planos de estudo e os programas de ensino.

De acordo com Piletti (2004) o currículo funciona como uma espécie de guia, um instrumento útil para orientar a prática pedagógica, uma ajuda para o professor. Este documento contém o plano de estudo, o qual compreende a lista de disciplinas que serão ministradas em determinado grau de ensino, e o programa de ensino, que abarca os conteúdos selecionados para o trabalho, bem como a indicação dos objetivos, dos rendimentos desejados e das atividades sugeridas pelo professor.

Além de conter essas instruções metodológicas, o currículo deve ser entendido como o projeto que preside as atividades educativas escolares, definidas pelo educador. Portanto, ele deve conter informações concretas, sobre que ensinar, quando ensinar, como ensinar e que, como e quando avaliar. Levando em consideração as condições do professor, do estudante, as condições do ambiente escolar, as condições da comunidade, e as características dos materiais didáticos disponíveis (COLL, 1996 apud PILETTI, 2004).

Com o propósito de atingir os objetivos do ensino fundamental, o art. 26 da lei nº 9 394/96 enfatiza que tanto o ensino médio quanto o ensino fundamental, devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Este núcleo comum compreende as disciplinas obrigatórias para todos os estabelecimentos escolares. São os conteúdos considerados essenciais para a formação do intelecto do estudante e ao prosseguimento dos estudos nos níveis superiores, a exemplo de

matemática, língua portuguesa, ciências, história e geografia, além do ensino da arte, a educação física, língua estrangeira e o ensino religioso, sendo este último facultativo.

Dessa forma, a base diversificada e a base nacional comum devem combinar-se, a fim de atender o propósito do capítulo IV da lei nº 9 394/96:

em todas as escolas deverá ser garantida a igualdade de acesso para alunos a uma base nacional comum, de maneira a legitimar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional. A base comum nacional e sua parte diversificada deverão integrar-se em torno do paradigma curricular, que vise estabelecer a relação entre a educação fundamental e a vida cidadã através da articulação entre vários dos seus aspectos. (BRASIL, 1996 a)

Dentre esses aspectos destacam-se, a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, o trabalho, a ciência e a tecnologia, a cultura e as linguagens. Logo, os estudantes ao conciliarem estes conhecimentos, estarão construindo sua identidade como cidadãos, capazes de serem protagonistas de ações responsáveis, solidárias e autônomas em relação a si próprios, às suas famílias e às comunidades. (BRASIL, 1996 a).

Entretanto, Piletti (2002) levanta uma discussão, ao afirmar que, com a quantidade de disciplinas obrigatórias, sobra pouco espaço para a parte diversificada do currículo. O autor acredita ser interessante a redução da base nacional comum, em benefício da parte diversificada, que talvez contribua mais para a formação dos educandos, uma vez que esta deve estar de acordo com as características próprias do ambiente social em que se situa a escola.

Nesse sentido, o sistema de ensino brasileiro lançou como proposta, diretrizes que pressupõe a inclusão de disciplinas de interesse regional no currículo nacional, ficando para o estabelecimento escolar a inclusão de conteúdos de interesse local.

Trata-se dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documentos cujo conteúdo curricular foi construído com base nas características, necessidades e conteúdos exigidos por cada ciclo de ensino. A fase fundamental, por exemplo, é subdividida em 4 ciclos, cada um correspondente a duas séries de formação, bem como, 1º ciclo: 1ª e 2ª séries; 2º ciclo: 3ª e 4ª séries; 3º ciclo: 5ª e 6ª séries e o 4º ciclo: 7ª e 8ª/9ª séries.

Para efeitos desta pesquisa, o foco se baseará na análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais dos 3º e 4º ciclos desta etapa de ensino, destacados a seguir.

3.1 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: os 3º e 4º ciclos

Como proposta de uma reformulação curricular, voltada para o encadeamento entre o conhecimento científico e o conhecimento social, que compreende o produto da realidade cotidiana da sociedade brasileira, o Ministério da Educação (MEC) instituiu os Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais compreendem:

o conjunto das proposições que responde à necessidade de referenciais a partir dos quais o sistema educacional do país se organize, a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos. Essa igualdade implica necessariamente o acesso à totalidade dos bens públicos, entre os quais o conjunto dos conhecimentos socialmente relevantes. (BRASIL, 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são documentos que foram idealizados e elaborados sob a orientação da Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e do Desporto em 1998, com o objetivo de fornecer às escolas da rede de ensino, subsídios para a elaboração de um projeto pedagógico focado na cidadania do estudante.

Neste sentido, de acordo com Peccatiello (2005), foram elaboradas diretrizes voltadas para os 3º e 4º ciclos do ensino fundamental que compreendem (5ª a 8ª e 9ª séries), cujos objetivos são o respeito às diversidades regionais, culturais e políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais, comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretendeu-se criar condições, nas escolas que permitam aos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania, instituídos como temas transversais.

Um dos propósitos dos parâmetros curriculares é promover uma educação para a vida, ou seja, que auxilie o indivíduo na construção de sua identidade:

[...] compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito [...] (BRASIL, 1998).

Estas diretrizes instituem que, cada ciclo do ensino fundamental corresponde a dois anos de escolaridade, sendo que, para cada uma das áreas estruturantes do trabalho escolar como, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira) e para cada tema transversal proposto que são os conteúdos de Ética, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e Consumo) há um documento específico.

É importante ressaltar que estes documentos, não são modelos, que devem ser seguidos com rigor, pois, cada região e cidade brasileira apresentam sua idiossincrasia sendo, portanto cada instituição de ensino constituída por diferentes pessoas, professores e estudantes. Logo, a escola tem a autonomia de escolher um tema condizente a realidade sócio-cultural da cidade em que ela está inserida, lembrando que, eles podem ser substituídos anualmente, a troca fica a critério da instituição.

Os temas transversais compreendem um universo de sub-temas, ou seja, assuntos que geralmente estão com visibilidade no cenário social em que a escola está inserida, e que se adéquam a natureza daquele tema central. Algumas escolas de Salvador, por exemplo, optam por disciplinas relacionadas aos temas propostos pelo MEC, conforme a Figura 3 a seguir.

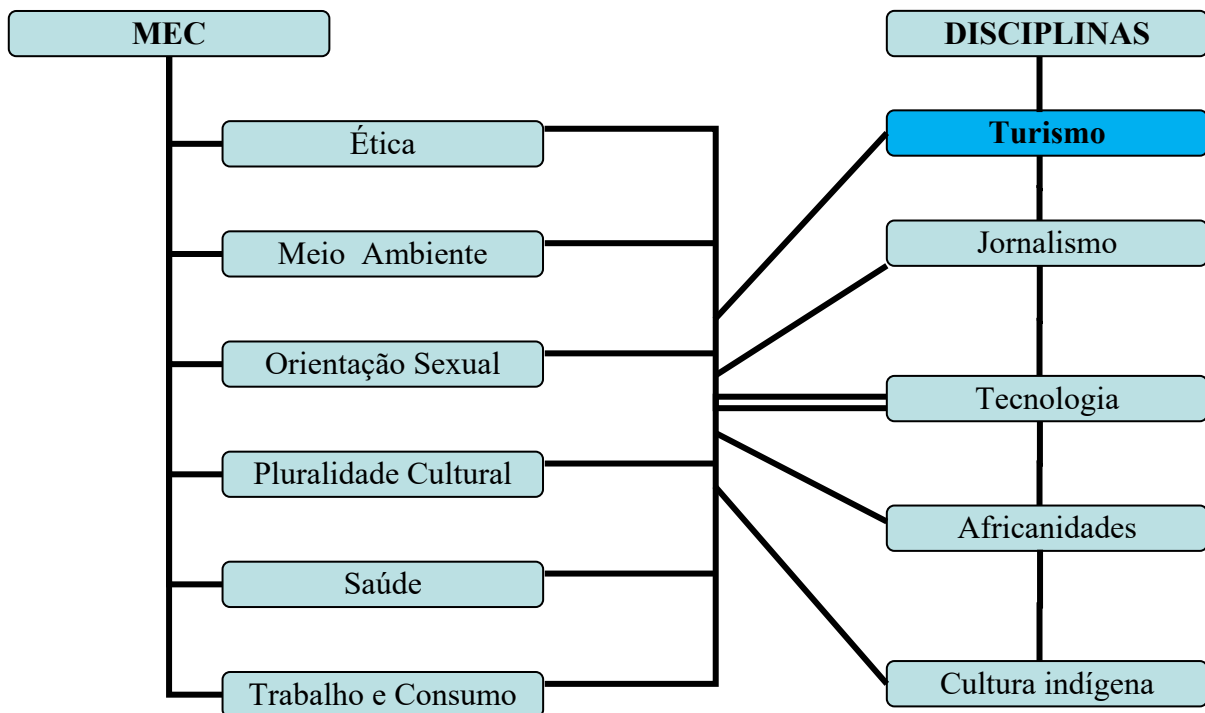


Figura 3: MATRIZ CURRICULAR: CATEGORIA DIVERSA EM SALVADOR
 Fonte: Elaborado pela autora baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e informações cedidas durante pesquisa de campo.

Estas disciplinas podem ser trabalhadas atendendo a cada tema transversal, tudo vai depender da forma como a disciplina é desenvolvida pela escola. A natureza do turismo permite que a disciplina dialogue com todos estes temas transversais propostos pelo MEC.

Assim como sugere Ribas (2002), a Ética poderia ser utilizada na análise dos comportamentos e condutas do turista no local visitado; a pluralidade cultural, explorando a migração que influenciou na formação do povo brasileiro; as diversidades culturais existentes nas regiões brasileiras, trabalhando conflitos sociais, a exemplo do etnocentrismo e do racismo; o meio ambiente envolvendo a preservação, educação ambiental, conservação, a relação entre o meio natural e o meio urbano, o problema do lixo nas cidades e sua influência na saúde da população, os aglomerados urbanos, e ainda a sexualidade com a prática ilegal do turismo sexual.

A inserção do turismo no âmbito educacional comprova o quanto a atividade representa hoje um aspecto relevante da dinâmica social brasileira, e como defende Portuguesez (1999), não pode mais ser posto à margem do processo educativo, visto que, os estudantes têm a necessidade e o direito de analisá-lo, criticá-lo, pesquisá-lo e, ou, com ele conviver de forma mais consciente:

o sujeito, ou seja, o próprio aluno é considerado um ser atuante que através da interação com os professores, com os companheiros de sala, com os recursos didáticos, com o meio social e também do resgate da sua vivência e da sua percepção cultural, constrói significados sobre os conteúdos da aprendizagem. É este o sujeito atuante capaz de modificar, desenvolver e enriquecer os instrumentos de ação e interpretação no âmbito social. (BRASIL, 1998).

Na disciplina turismo o ideal é estimular os estudantes a conhecer e divulgar informações sobre seu local de vivência e a valorizar a cultura, e os aspectos naturais e sociais do contexto em que eles estão inseridos, permitindo que eles reconheçam as oportunidades e também os prejuízos da área, os quais são geralmente ocasionados pela ausência de planejamento turístico local. Por isso, se torna importante a sensibilização dos educandos, no que se refere a conservação/preservação e sustentabilidade dos patrimônios culturais, além do entendimento das relações de consumo no turismo, identificando os danos que elas podem acarretar ao meio e às relações humanas. Sendo assim, o próprio residente poderá ainda contribuir para formar turistas com uma “bagagem cidadã”, o que seria a postura digna de visitante. (MOESCH, 2001, apud RIBAS, 2002).

Este leque de possibilidade demonstra o potencial do turismo enquanto disciplina diversa, uma vez que ela pode ser trabalhada transversalmente com todos os temas sugeridos pelo Ministério da Educação (MEC) e as demais disciplinas tradicionais.

No entanto, a disciplina turismo no ensino fundamental é desenvolvida sob outra perspectiva prática em várias localidades brasileiras, atualmente, em 2010, as inúmeras tentativas de instrumentalização para o turismo se dão através de programas oficiais e imediatistas, muitas vezes implantados nas escolas de nível fundamental e médio.

Portuguez (1999) acredita que essas medidas são concebidas como oportunidade de superação dos muitos problemas relativos ao fenômeno turístico; contudo, poucas são as contribuições para o enriquecimento do referencial crítico das populações receptoras, público alvo desses programas. Afinal, eles são organizados geralmente para ensinar moradores dos lugares turísticos a receberem bem o turista, visando seu retorno; e é com esse retorno que se acredita poder desfrutar das “maravilhosas” possibilidades financeiras que o setor pode proporcionar.

Tais medidas, não podem ser consideradas processos de educação para o turismo, que possibilitem a conscientização, afinal, elas não permitem ao residente desenvolver uma percepção crítica e consciente sobre a atividade. Educar para o turismo requer a apresentação de questões que interroguem sobre o cotidiano do turismo e permita ao morador refletir sobre a sua relação com a atividade, como ela está sendo desenvolvida e qual papel ele deve figurar para também auxiliar no desenvolvimento desta.

Como supõe Azevedo (1999), um processo de educação para o turismo, e para conscientização, não deve ter como objetivo único fornecer ao estudante conhecimento específico e técnico da área, mas também, evidenciar o quanto a educação turística pode servir para a sensibilização do educando perante sua cidade e seus recursos naturais, edificados e culturais, criando valores que não são intrínsecos aos jovens de hoje.

Comumente, quando se fala em educação para o turismo, há uma preocupação maior em estabelecer um processo educativo voltado para os docentes dos cursos superiores e técnicos da área, buscando a excelência do setor apenas com uma visão mercadológica, ou seja, mão de obra capacitada para atuar no mercado. Poucos são os docentes que trabalham ou desejam desenvolver o turismo no ensino fundamental e médio de modo a possibilitar-lhes uma visão mais humana do turismo. (RIBAS, 2002).

A autora ainda salienta que a criação de disciplinas como o turismo, é geralmente idéia dos professores, estes, mesmo com o apoio de suas instituições deparam-se com alguns problemas de cunho teórico e metodológico, afinal, não são todos os educadores que

receberam em sua formação conteúdos necessários para aplicar o ensino do turismo. Dentre os problemas encontrados estão: inexistência de uma orientação específica para o turismo e o pouco embasamento teórico, ausência de livros técnicos, bibliografia restrita, fontes teóricas de pouca credibilidade, material didático precário, falta de tempo dos professores, ausência de aulas práticas de campo, de oficinas e da ludicidade.

Os chamados temas transversais tão enfatizados pelo MEC são uma excelente proposta das nossas autoridades. Nos documentos oficiais, embora sua importância seja realçada, há pouca orientação sobre como abordar esses temas. Essa abordagem não se resolve com currículos ou programas, mas com uma mudança de atitude por parte dos professores de todas as disciplinas diversas. O ideal seria adotar uma nova postura com relação à educação, através do conhecimento de si próprio, da sociedade, da natureza e do universo (HANNAS; PEREIRA, 2000).

Esta falta de orientação ressaltada acima dá vazão a questionamentos acerca da ausência do bacharel em turismo neste processo, tanto em sala de aula, quanto na orientação destes professores que lecionam a disciplina turismo no ensino fundamental. A interferência de um profissional que tenha conhecimento mais aprofundado sobre o turismo, certamente permitiria a diminuição de equívocos teóricos, além de estimular um trabalho mais efetivo e direcionado e até mesmo contribuir para a formação de uma nova postura dos professores perante esta disciplina.

Os professores devem desenvolver suas práticas pedagógicas, em consonância com as diretrizes do ensino fundamental, as quais defendem que:

as escolas deverão estabelecer, como norteadores de suas ações pedagógicas: a] os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum; b] os princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; c] os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, e da diversidade de manifestações artísticas e culturais. Estes princípios deverão fundamentar as práticas pedagógicas das escolas, pois será por meio da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum que a ética fará parte da vida cidadã dos alunos. (BRASIL, 1998)

Portanto, o professor é figura preponderante neste processo, para permitir que o estudante concilie o conteúdo aprendido em aula, com a realidade que o circunda. Portanto exige-se do professor uma preparação para que ele não transmita apenas uma “visão romântica” do turismo. Outra determinante é o trabalho com a multidisciplinaridade, que se faz de suma importância para a elaboração de aulas interativas que propiciem o bom

desempenho dos estudantes e se torne um veículo ideal de educação para a vida, para a cidadania e para o desenvolvimento humano-social; propício para ser cultivado em solo escolar e disseminado para além dos muros da escola.

Os itens elencados são apenas alguns dos entraves estruturais encontrados pelas escolas, para se implantar um processo de educação para o turismo. É válido frisar que essas dificuldades muitas vezes acarretam no desestímulo do docente e no baixo desempenho da disciplina. Portanto, a escola deve encontrar subsídios que fortaleçam e estimulem a ação do professor em sala de aula, Ribas (2002) sugere a criação de parcerias com empresas públicas e privadas que possibilitem trabalhar o tema de maneira consistente, atrativa e eficaz, a exemplo de, visitas de campo, participação em eventos culturais entre outras atividades.

E diante da tradição turística da Bahia, que a consagra um dos principais redutos do turismo, o estado tem necessidade e obrigação de atuar como um dos locais que estimulam a implantação e melhor desempenho da disciplina turismo no ensino fundamental, uma vez que, a situação do planejamento e do desenvolvimento turístico nas cidades baianas, não desponta como uma das mais satisfatórias.

Salientando que a utilização de estratégias como estas podem auxiliar na construção de uma nova postura dos baianos, no que tange à receptividade e à consciência do turismo, um trabalho de base a longo prazo, assim como a duração dos seus benefícios.

3.2 BAHIA DE TODOS OS CONTEXTOS

A Bahia é um dos nove estados que compõem a região Nordeste do Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que datam de 2007, ela é o quinto estado do país em extensão territorial, o equivalente a 36,3% da área total do Nordeste brasileiro e 6,64% do território nacional, além de ser possuidora de 417 municípios e área territorial de 564.692.669 km². A contagem populacional de 2007 realizada pelo IBGE, revela que a Bahia possui 14 milhões de habitantes, o que lhe torna o estado mais populoso da região Nordeste, representando 27% da população nordestina, e o quarto estado mais populoso do país, com 7,5% da população brasileira total; as previsões para 2020 é que os baianos devem somar um total de 15,6 milhões.

Após a eclosão da crise econômica de 2008/2009, a Bahia se encontra numa fase de transição, a qual, segundo o diretor geral da Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos (SEI), é demais favorável para o estado. Esta recuperação começou a ganhar

fôlego, a partir do segundo semestre de 2009, quando a Bahia passou a absorver investimentos produtivos de porte e alguns centros dinâmicos na sua economia passaram a exercer atratividade, a exemplo do avanço da produção de grãos no Oeste da Bahia, da cadeia do papel, celulose e silvicultura do Extremo-Sul do estado, da fruticultura irrigada da região do Baixo-Médio São Francisco, e o crescimento do turismo em algumas regiões do Litoral Norte e no próprio Extremo-sul da Bahia, com a consolidação de Porto Seguro, e o surgimento de Itacaré, no Litoral Sul.

Quase 80% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro são provenientes de apenas oito das 27 unidades da federação: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba, Bahia, Santa Catarina e Distrito Federal. A inclusão da Bahia neste elenco comprova o papel de relevância que o estado possui no que tange a economia nacional.

Tabela 2

PIB TOTAL E PER CAPITA: BAHIA E BRASIL, 2008

ESPECIFICAÇÃO	BAHIA	BRASIL
PIB (em R\$ Bilhões)	119,9	2.889,7
PIB (em US\$ Bilhões)**	65,4	1.575,8
PIB BA/PIB BR (%)	4,1	-
PIB PER CAPITA (em R\$ 1,00)	8.430,0	15.240,0
PIB PER CAPITA (em US\$ 1,00)	4.597,0	8.310,6
PIB PER CAPITA BA/PIB PER CAPITA BR (%)	55,3	-

Fonte: SEI/IBGE. Disponível em: <www.sei.ba.gov.br> Acesso em 18 jan. de 2010

Este nível de participação econômica da Bahia se deve aos seus setores produtivos, com destaque para a indústria, a agropecuária, e os serviços. A indústria baiana ocupa a sexta posição no *ranking* nacional em relação ao valor de transformação industrial, posição alcançada em 2005.

A partir de 2009, observou-se um incremento de algumas atividades ligadas ao setor de serviços baiano, dentre elas, os setores ligados ao turismo que se beneficiaram com o aumento do dólar, e o conseqüente incremento do turismo interno, bem como o setor de alojamento e alimentação que cresceram em torno de 2%, além do setor de transporte aéreo, visto que entre janeiro e setembro de 2009, o fluxo de passageiros desembarcados na Bahia aumentou cerca de 6%. (BAHIA, 2009).

Levando em consideração que estes setores são preponderantes para o crescimento do PIB estadual, a melhoria da arrecadação e a geração de empregos são aspectos

de suma importância; deste modo, o governo deve aprofundar os esforços para alterar o padrão de desenvolvimento da Bahia, principalmente no que tange o turismo.

A Bahia é uma localidade naturalmente turística graças ao conjunto muito peculiar de sua oferta, composta pela sua história, pela diversidade do seu povo e sua expressiva singularidade cultural e natural, atributos que somados, tornam o estado um dos mais cobiçados destinos a níveis nacionais e internacionais.

A inserção de novos vôos internacionais diretos, como Madri, Buenos Aires, Lisboa, Frankfurt e Miami, além dos investimentos em novas segmentações turísticas e *marketing* do estado, contribuíram e podem continuar influenciando positivamente o fluxo turístico local.

Entretanto, a oferta turística não se vale apenas de atrativos naturalmente turísticos, iniciativas de *marketing* e crescente fluxo de visitantes. Especialmente quando a localidade em questão é a Bahia; a qual, mesmo detentora de todos estes atributos potenciais, apresenta uma série de problemas sociais que crescem em paralelo com o fluxo de visitantes no estado. Um paradoxo que acaba inviabilizando o pleno desenvolvimento da atividade.

Atualmente, o estado é alvo de mazelas sociais, que interferem diretamente no desenvolvimento da atividade turística, afinal, não existe turismo forte se as condições básicas de moradia, emprego, saúde e educação da população são ultrajantes; situação que prolifera ao longo das décadas.

Dados oficiais revelam uma gama de deficiências na educação do estado da Bahia, evidenciando a necessidade de melhorias, a fim de obter avanços sociais, visto que não há como existir mudanças na sociedade, exercício de cidadania, igualdade e dignidade de vida, se os índices de desemprego, analfabetismo e miséria se tornam variáveis correlacionadas entre si e com a pobreza.

Hoje, em 2010, os indicadores sociais do estado não são muito diferentes daqueles encontrados na década de 1990. Pesquisa realizada pelo IBGE, mostra que quase 70% das crianças entre 0 a 6 anos de idade, convivem em famílias de renda per capita de meio salário mínimo, quantia que não supre nem mesmo as necessidades básicas de alimentação, saúde e moradia. A taxa de analfabetismo chega a 31,2%, o equivalente a mais de 4 milhões de cidadãos baianos de 15 anos ou mais de idade. Sendo que a média do tempo de estudos dos jovens de 15 anos ou mais de idade é em torno de 6,4 anos.

Esta é a imagem negativa e estarrecedora de um estado rico e controverso, que figura como uma das principais economias nacionais, mas que em contrapartida, deixa a

desejar no quesito determinante para o bom desenvolvimento de qualquer país, estado, ou localidade, que é a Educação.

Depois desta visão geral do atual contexto da Bahia, englobando seus setores sociais, sobre a educação serão pontuados aspectos inerentes à Rede Estadual de Ensino local, bem como suas competências e atuações, fazendo um breve panorama das modalidades de ensino vigentes, mais especificamente o ensino fundamental, apresentando seus aspectos favoráveis e desfavoráveis.

3.2.1 A Rede estadual de ensino da Bahia

O Sistema Estadual de Ensino da Bahia é de competência da Secretaria Estadual de Educação (SEC). Mediante o Art. 2º do regimento interno deste órgão, aprovado sob o decreto Nº 8.877 de 19 de janeiro de 2004. Foram designadas a ele as seguintes competências:

formular diretrizes e promover a definição e implantação de planos, programas, projetos e ações relativos à educação, no âmbito do Estado; II- promover a formulação e o acompanhamento do Plano Estadual de Educação; III- viabilizar a promoção de estudos e pesquisas para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do sistema educacional; IV- fomentar articulação com outros órgãos ou instituições públicas e particulares, nacionais e internacionais, com vistas ao cumprimento de sua finalidade; V- promover e fiscalizar o cumprimento das leis federais e estaduais relativas à educação, bem como das decisões dos Conselhos Nacional e Estadual de Educação; VI- exercer outras atividades correlatas. (BAHIA, 2004)

Atualmente, o estado oferece o ensino básico e o ensino superior, sob ação da Secretária Estadual da Educação da Bahia (SEC/BA). Para garantir o acesso a educação superior e gratuita, foram criadas quatro universidades estaduais, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB); a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); unidades capilarizadas por todas as regiões econômicas do estado, que juntas totalizam 43.767 estudantes matriculados em 226 cursos de Graduação e 74 cursos de Pós-Graduação.

A educação básica é dividida em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Além de sua execução comum, a educação básica também pode ser desenvolvida através de cinco modalidades: Educação de Jovens e Adultos (EJA);

Educação no campo; Educação Escolar Indígena; Educação Especial e Educação profissional, disponíveis nos municípios baianos.

A Educação profissional tem sido lançada pelo estado como estratégia para uma melhor inserção de jovens e adultos no mundo do trabalho. Visto que, os processos de inovação tecnológica exigem cada vez mais investimentos na formação, qualificação e atualização profissional. Em toda a Bahia são ofertados cursos, em variadas áreas profissionalizantes, conforme Tabela 3 abaixo:

Tabela 3

**ÁREAS PROFISSIONALIZANTES E CARGA HORÁRIA MÍNIMA
BAHIA**

Áreas Profissionalizantes	Carga horária (CH)	Áreas profissionalizantes	Carga horária (CH)
Agropecuária	1.200	Informática	1.000
Artes	800	Lazer e desenvolvimento social	800 C
Comércio	800	Meio Ambiente	800
Comunicação	800	Mineração	1.200
Construção civil	1.200	Química	1.200
Design	800	Recursos Pesqueiros	1.000
Geomática	1.000	Saúde	1.200
Gestão	800	Telecomunicações	1.200
Imagem Pessoal	800	Transportes	800
Indústria	1.200	Turismo e Hospitalidade	800

Fonte: Elaborado pela autora baseada em dados da Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Disponível em: <www.sec.ba.gov.br> Acesso em 20 jan. 2010.

Nota-se a presença do turismo e Hospitalidade como uma das áreas a serem atingidas. Estes cursos técnicos profissionalizantes vêm sendo oferecidos nas Unidades de Educação Profissional (UEP). A Bahia conta com doze unidades de educação profissional, distribuídas em diferentes regiões econômicas da Bahia e oferecendo cursos condizentes a demanda local de empregos, conforme Quadro 1 a seguir.

Escola de Agricultura da Região de Irecê – ESAGRI. Fazenda Baixão Área: Agropecuária Habilitação: Técnico em Agricultura, Técnica	Escola Agrotécnica de Ribeira do Pombal Município: Ribeira do Pombal Área: Agropecuária Habilitação: Técnico em Agricultura
--	--

em Zootécnica, Técnico em Infra-Estrutura Rural	
Escola Agrotécnica de Amargosa Município: Amargosa Área: Agropecuária Habilitação: Técnico em Agricultura.	Escola Agrotécnica Democrática Estadual Chico Mendes Município: Ipiáú Área: Agropecuária e Saúde Habilitação: Técnico em Saúde Coletiva Técnico Saúde Hospitalar Técnico em Agricultura.
Escola Agrotécnica Dr. Francisco Martins da Silva – Feira de Santana Área: Agropecuária Habilitação: Técnico em Agricultura	Escola Agrotécnica de Juazeiro Área: Agropecuária Habilitação: Técnico em Agricultura
Escola Agrotécnica Sérgio de Carvalho Vitória da Conquista Área: Agropecuária Habilitação: Técnico em Agricultura Técnico em Zootecnia	Escola Agrotécnica Afrânio Peixoto - Wagner Área: Agropecuária Habilitação: Técnico em Agricultura
Escola de Dança Município: Salvador área: Artes Habilitação: Técnico em Dança Técnico em Coreografia	Centro de Educação Tecnológica do Estado da Bahia – CETEB Município: Camaçari área: Indústria e Turismo Habilitação: Técnico em Eletrônica, Processamento Industrial com ênfase em Química, <u>Técnico em Ecoturismo</u>
Escola Estadual Agrotécnica de Jeremoabo Município: Jeremoabo área: Agropecuária Habilitação: Técnico em Agricultura Técnico em Zootecnia	Escola de Formação Técnica em Saúde Prof. Jorge Novis Município: Salvador área: Saúde Habilitação: Técnico em Enfermagem Técnico em Higiene Dental
Centro de Educação Tecnológica do Estado da Bahia – CETEB Município: Feira de Santana área: Indústria, Construção Civil, Saúde, Gestão, Comércio, Informática, Telecomunicações, Design Habilitação: Técnico em Edificações, Técnica em Segurança do Trabalho, Técnico Automação Industrial, Técnico em Eletrotécnica, Técnico em Eletrônica, Técnico em Gestão Empresarial, Técnico em Marketing Comercial, Técnico de Informática, Técnico em Telecomunicações, Técnico em Design	

Quadro 1: UNIDADES DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DA BAHIA

Fonte: Elaborado pela autora baseada em dados da Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Disponível em: <www.sec.ba.gov.br> Acesso em: 20 jan. de 2010.

O Quadro 1 mostra que a maioria das localidades contempladas com instituições de ensino profissionalizante, se concentra em áreas predominantemente rurais, a exemplo de Irecê, Jeremoabo e Feira de Santana, desse modo, os cursos oferecidos refletem o contexto econômico destas localidades, as quais possuem largo potencial na agricultura e pecuária, justificando, o elevado número de cursos técnicos em agricultura e agropecuária.

Em contrapartida, há de se salientar também o notável índice de cursos de apelo tecnológico e industrial, que acompanham a tendência da produção econômica da Bahia, a qual vem exigindo formação na área de química, indústria, tecnologias e informática.

No entanto, o turismo, setor tão agraciado e defendido pelas estâncias governamentais baianas, como um importante gerador de empregos e renda, não acompanha o mesmo investimento em formação técnica das demais áreas citadas. Timidamente, o Quadro 1 revela um único curso profissionalizante, o de Ecoturismo, desenvolvido no município de Camaçari, integrante da Região Metropolitana de Salvador. Já a cidade de Salvador, o destino turístico mais tradicional do estado, não possui nenhuma unidade de educação profissional na área de turismo.

Além de Unidades de Educação Profissional, o estudante pode ter acesso ao ensino profissionalizante, através do ensino médio integrado à educação profissional. Segundo dados da Secretária da Educação da Bahia, esta modalidade é oferecida em 26 escolas da rede estadual desde o ano de 2006, o curso tem a duração de quatro anos. Nesse período, o estudante tem a oportunidade de concluir o ensino médio ao mesmo tempo em que adquire a formação técnica necessária para a inserção no mercado de trabalho.

Este tipo de ensino é oferecido em escolas do interior e da capital, e abrange cursos em diferentes áreas profissionais, para o ano de 2009, constatou-se as seguintes instituições, de acordo com o Quadro 2 abaixo.

Escolas	Município	Curso
Colégio Estadual de Feira de Santana	Feira de Santana	Comércio
Colégio Estadual Dr. Jair S.Silva	Feira de Santana	Informática
Escola Dr. Francisco Martins da Silva	Feira de Santana	Agropecuária
Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito	Alagoinhas	Informática
Colégio Estadual de Itabuna	Itabuna	Comércio
Colégio Estadual Eraldo Tinôco	Alcobaça	Turismo
Colégio Est. Deolisano Rodrigues de Souza	Medeiros Neto	Informática e Agropecuária
Centro Integrado de Paulo Afonso Dr. Luiz	Paulo Afonso	Eletrotécnica
Escola Agrotécnica de Juazeiro	Juazeiro	Gestão/Meio Ambiente

Colégio Estadual Antônio Conselheiro	Uauá	Agropecuária
Colégio Estadual José Amâncio Filho	Curaça	Agropecuária
Escola Agrotécnica Sérgio de Carvalho	Vitória da Conquista	Informática
Colégio Estadual Presidente Médici	Cândido Sales	Informática
Colégio Estadual José Ribeiro de Araújo	Canarana	Agropecuária
Escola Estadual Agrotécnica Geraldo Rocha	Barreiras	Agropecuária/ Informática
Centro Educacional de Correntina	Correntina	Agropecuária
Escola Agrotécnica de Amargosa	Amargosa	Agropecuária
Colégio Estadual Dep. Manoel Novaes	Salvador	Música
Colégio Estadual Luiz Pinto de Carvalho		Gestão
Colégio Estadual Presidente Costa e Silva		Informática
Escola Técnica Estadual Newton Sucupira		Eletrotécnica
Colégio Estadual Severino Vieira		Gestão
Colégio Estadual da Bahia - Central		Informática
Colégio Estadual Anísio Teixeira		Análise clínica
Colégio Estadual Presid. Emílio G. Médici		Informática
Instituto de Educação Isaías Alves (ICEIA)		Informática

Quadro 2: ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO/PROFISSIONALIZANTE - BAHIA

Fonte: Elaborado pela autora baseada em dados da Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Disponível em: <www.sec.ba.gov.br> Acesso em 20 jan. de 2010

A mesma situação de incipiência do turismo no quadro da educação se reproduz na modalidade de ensino médio integrado e profissionalizante. O Quadro 2 também revela uma situação desfavorável para o turismo, presente em apenas uma unidade em Alcobaça, e na cidade de Salvador, das dez instituições locais, nenhuma optou pela área do turismo, o acesso a este tipo de curso é realizado mediante sorteio eletrônico.

A matrícula para o ano letivo de 2010 inclui um novo curso nesta modalidade, o de guia de turismo, que será lecionado pela Escola Estadual Azevedo Fernandes localizada no Pelourinho; uma iniciativa louvável, embora ainda insuficiente para uma demanda sustentada por um processo de sorteio.

E não apenas o ensino médio sofre com essa carência. As leis que regem o ensino fundamental, também garantem a inserção de temas sociais e estruturantes para serem trabalhados nas escolas de 5ª a 8ª e 9ª séries. Assim como é sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, o turismo também integra a matriz curricular diversa de escolas baianas.

Analisando o contexto do ensino fundamental, o qual corresponde ao foco desta pesquisa, observou-se que a Bahia, hoje, possui 219 escolas públicas de ensino fundamental que contemplam as 5ª a 8ª e 9ª séries. Todas as instituições que possuem este perfil funcionam

sob a gestão da Coordenação de Educação Infantil e Ensino Fundamental (CEI), inserida na Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica (SUDEB) e atuante no estabelecimento das diretrizes curriculares, aperfeiçoamento dos currículos e orientação pedagógica da educação infantil e ensino fundamental. Este setor também conta com a colaboração da Diretoria Regional da Educação (DIREC). Em Salvador, existem duas Direcs divididas em função da área de jurisdição – Centro (1A) e Cidade Baixa e Região Metropolitana (1B). Localizadas em municípios-sede; as Direcs fazem com que as ações da Secretaria cheguem a todo o Estado de forma regionalizada, a mais nova Diretoria Regional da Educação atende 10 municípios na região de Cruz das Almas.

A Secretaria Estadual da Educação possui ao todo 33 sedes regionais que representam a Secretaria na administração de importantes processos, como a matrícula, a programação de carga horária e o censo escolar.

Com estas atribuições, a CEI deve atuar na elaboração e supervisão da matriz curricular diversa, porém, na prática isso não ocorre. Durante a pesquisa de campo, observou-se que as Direcs funcionam como intermediárias entre o Ministério da Educação, a Secretaria Estadual de Educação e as escolas, no que diz respeito as disciplinas diversas. Portanto, elas controlam o processo de decisão das disciplinas que a escola lecionará, conforme Figura 4.



Figura 4: ESQUEMA DE INSERÇÃO DE DISCIPLINAS DIVERSAS - BAHIA

Fonte: Elaborado pela autora baseada em pesquisa de campo 2009.

De acordo com a Coordenação Pedagógica da Direc – 1A, o Ministério da Educação (MEC) determina que sejam utilizados quatro temas transversais, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Estes temas são repassados a Secretaria da Educação, a mesma escolhe as disciplinas condizentes a estes temas e favoráveis ao contexto social, cultural, político e econômico do estado. Em seguida, as quatro disciplinas diversas já selecionadas são encaminhadas à Direc, a qual assume a responsabilidade de repassar para as escolas. As instituições devem distribuir as disciplinas para cada série e comunicar à Diretoria

Regional, qual foi a escolha, a carga horária, a série que servirá como público e possíveis mudanças que ocorram na disciplina no decorrer do ano letivo.

O tempo de duração da disciplina em cada escola dependerá do projeto político pedagógico de cada uma; existem instituições que optam por disciplinas diversas a cada ano, já outras, preferem manter o tema por mais tempo na matriz, a fim de, observar possíveis avanços e o nível de interesse e rendimento dos estudantes.

Contudo, não existe uma catalogação das disciplinas escolhidas por cada escola, o que impossibilitou o reconhecimento do universo total de instituições que lecionam a disciplina turismo. Ao serem questionadas pela ausência deste controle, tanto a CEI quanto a DIREC, alegaram só possuírem dados gerais de cada instituição, e não tem como fazer um levantamento de todas as escolas da Bahia, por disciplina diversa, visto que demandaria muito tempo.

Segundo informações de funcionários das Direcs e CEI, onze escolas de Salvador lecionaram a disciplina turismo, no período de 2008 a 2009, entretanto, em contato com estas instituições, observou-se que das 11 instituições sugeridas, apenas 10 aderiram a disciplina neste período, conforme o Quadro 3 a seguir.

Instituição	Ano letivo		
	2007	2008	2009
Escola Estadual Celina Pinho	***		***
Colégio Luiz Navarro de Britto			***
Escola Estadual Victor Civita	***		***
Escola Góes Calmon	***		***
Escola Classe IV Carneiro Ribeiro	***		***
Escola Ministro Pires Albuquerque	***	***	***
Escola Rafael Serra Vale	***	***	
Colégio Estadual Polivalente San Diego	***	***	
Escola Estadual Severino Vieira			
Escola Estadual Azevedo Fernandes	***		***

Legenda

<input type="checkbox"/>	Aderiu à disciplina
***	Não aderiu à disciplina

Quadro 3: ESCOLAS ESTADUAIS DE SALVADOR COM DISCIPLINA TURISMO

Fonte: elaborado pela autora baseada em pesquisa de campo 2009.

Foi possível constatar também, que apenas três escolas mantiveram a disciplina turismo em sua matriz curricular diversa em 2009, Escola Rafael Serra Vale, Colégio Estadual Polivalente San Diego e a Escola Estadual Severino Vieira.

Ao serem questionadas a respeito da retirada da disciplina turismo, os representantes das demais escolas alegaram a necessidade de explorar novos temas sociais ou a preferência por substituir a disciplina turismo pela disciplina Cultura Afro, instituída como obrigatória pelo Ministério da Educação (MEC), através da lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

O quadro 3 acima, mostra o nível de instabilidade da disciplina turismo nestas escolas, sendo o seu tempo de sobrevivência de no mínimo 1 ano, com exceção da Escola Severino Vieira, que vem mantendo a disciplina nos últimos 3 anos.

A inexistência de um catálogo das disciplinas diversas oferecidas pelas escolas confirma a visão de desmerecimento, que é dada a matriz curricular diversa, pois sem esse controle, é impossível perceber se a disciplina está sendo lecionada e como ela está sendo concebida pela escola. Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais revelem claramente que as disciplinas diversas podem contribuir para a formação cidadã, no apoio a diversidade cultural e social de cada localidade e outros atributos que justificam o trabalho de temas como o turismo em sala de aula, na prática a realidade se mostra outra.

A idéia de que este tipo de disciplina serve apenas para o cumprimento de carga horária, transita por gestores escolares, professores e até mesmo estudantes, que cumprem a disciplina sem responsabilidade alguma, pois sabem que não serão reprovados.

Visando verificar esta realidade, que foi realizado uma análise da Escola Estadual Severino Vieira, desde a sua história de vida até as práticas pedagógicas desenvolvidas, a fim de verificar aspectos que validem a disciplina enquanto via de formação crítica do corpo estudantil.

4 COLÉGIO ESTADUAL SEVERINO VIEIRA: 60 anos de história

O Colégio Estadual Severino Vieira, radicado no tradicional bairro de Nazaré em Salvador-Bahia, tem seu marco histórico em fins da década de 1940. A partir desta data, o colégio dá início a sua trajetória de conquistas e transformações, que a constituiu numa das referências de educação na Bahia e no Brasil, até meados dos anos 1980.

O presente capítulo tem como objetivo caracterizar esta instituição, focando nos seus fatos históricos, bem como suas origens e principais marcos, até desembocar nos dias atuais, mostrando as diferenças surgidas ao longo das décadas, e especialmente a análise das práticas pedagógicas, referentes ao ensino do turismo em tempos atuais.

Este colégio recebe o nome de um baiano de grande renome na história da política da Bahia, o qual recebe o título de patrono da instituição, devido a sua importante participação no período de fundação deste colégio.

4.1 O PATRONO SEVERINO VIEIRA

Severino Vieira nasceu em 08 de junho de 1849, na antiga Vila da Ribeira do Político, atual cidade de São Francisco do Conde, Bahia. Vieira veio para a capital em 1866, quando iniciou seus estudos de Humanidades em 1870 e sua vida profissional.

Sua carreira profissional foi marcada pelo constante dinamismo, uma vez que atuou em diferentes áreas, desde professor a político.

Em 1875 foi promotor e juiz municipal na cidade do Conde, atuou no Fórum da capital até 1879, e foi professor fundador da Faculdade de Direito da Bahia, onde lecionou Direito Civil.



Foto 1: PATRONO SEVERINO VIEIRA

Fonte: SOUZA. 2010

Mas a política foi o reduto da sua atuação mais marcante. Vieira ingressou como deputado provincial em 1882, sendo posteriormente deputado federal, além de ter sido um dos membros da Assembléia Constituinte, como um dos signatários.

Foi por duas vezes senador do estado durante o governo de Campos Sales, permanecendo até 1898 e encerrando a sua carreira política na década de 1920, após governar a Bahia de 1900 a 1904. (NOSSO PATRONO, 1968).

Na Academia de Letras da Bahia, Severino Vieira ocupou a cadeira de número 19, cujo patrono é o Barão de Cotejipe.

A residência de Severino Vieira foi a primeira instalação do Colégio Severino Vieira. O político cedeu a edificação na década de 1940, motivo, que o fez patrono da escola que leva seu nome. A Foto 2 corresponde a fotografia de um quadro pertencente ao Colégio, que retrata a instituição na década de sua fundação. Atualmente, este prédio se encontra fechado e desapropriado.



Foto 2: COLÉGIO SEVERINO VIEIRA, DÉCADA DE 1940

Fonte: SOUZA, 2010

A transferência de propriedade marcou a fase de expansão das dependências do Colégio Severino Vieira e deu início a uma série de mudanças que atingiram a instituição ao longo de sua trajetória.

As fotos 5 e 6 revelam a situação atual deste prédio, que ainda preserva as características arquitetônicas da época, mas se encontra abandonado e atingido pelas marcas do tempo e pela falta de zelo.



Foto 3: LATERAL DO ANTIGO PRÉDIO DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA, 2010
Fonte: SOUZA, 2010



Foto 4: FACHADA DO ANTIGO PRÉDIO DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA, 2010
Fonte: SOUZA, 2010

4.2 DESDE 1948

De acordo com documento emitido pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia de 1973, o início do funcionamento do Colégio Severino Vieira, data de 21 de junho de 1948, quando ocorreu a abertura das salas de aula desta unidade educacional. Inicialmente foi denominada apenas de “Seção Ginásial do bairro de Nazaré”, uma espécie de escola satélite do Colégio Estadual da Bahia, que naquele ano, passou a ser chamado Central.

O governador neste período era o Dr. Otávio Mangabeira, e o então secretário da educação o Dr. Anísio Teixeira, um grande empreendedor educacional, que teve a idéia de descentralizar os serviços do Colégio Estadual da Bahia. A iniciativa se deu em virtude do aumento da população escolar nesta instituição, inaugurando deste modo no país, a criação oficial dos ginásios de bairro.

Em 1948, o Colégio Estadual da Bahia foi dividido em 3 seções ginásiais: a Seção de Nazaré equivalente ao Colégio Severino Vieira, a Seção de Itapagipe, atual Colégio João Florêncio Gomes e a Seção do bairro da Liberdade, hoje Colégio Duque de Caxias. Assim como Figura 5 adiante.

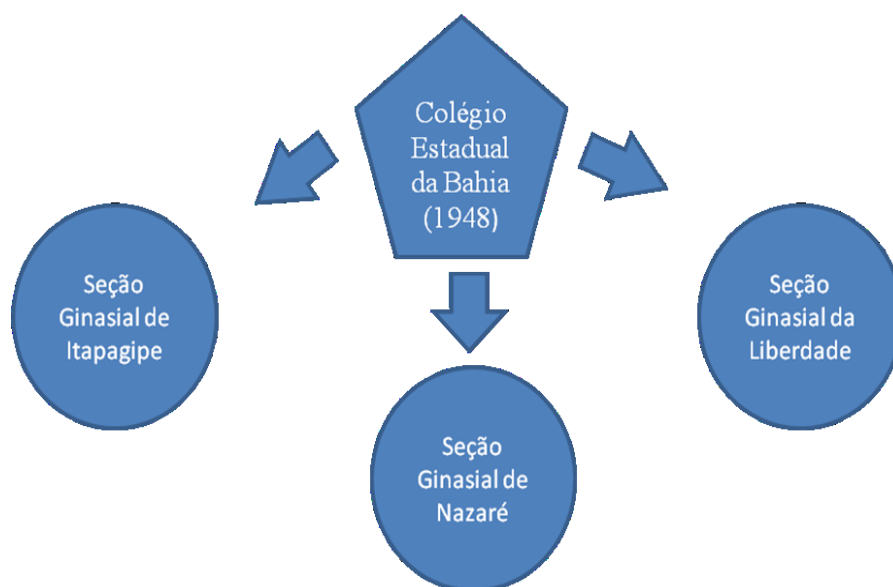


Figura 5: DIVISÃO DO COLÉGIO ESTADUAL DA BAHIA

Fonte: Elaborado pela autora baseada em Histórico do Colégio Severino Vieira. 1979

Somente no ano de 1950, que a escola nasceu legalmente, após ser instituída a sua independência do Colégio Estadual da Bahia.

A partir do documento histórico do colégio, que data de maio de 1979, é possível definir os períodos históricos desta instituição, que de 1948 a 1986, passou por 9 gestões, sendo que cada período foi marcado por diferentes contextos e significativas ações de seus gestores, conforme Quadro 4 abaixo.

1948/1949	Dr. Carlos Geraldo de Oliveira
	Neste período, a instituição ainda era uma escola satélite do Colégio Central da Bahia, por isto, não tinha autonomia para expedir certificados de conclusão de curso, marcar datas de provas, efetuar transferências, dentre outras burocracias, visto que tudo era encaminhado e decidido pelo Colégio Central.
1949 - 1954	Dr. Armando Alberto da Costa
	Considerado oficialmente o primeiro diretor do Colégio Severino Vieira, tornou legais os processos da escola, como a matrícula e a emissão de certificados, que passaram a ser de responsabilidade do Colégio Severino Vieira e não mais do Colégio Central, o marco deste processo de autonomia foi em 1950. Este diretor também criou o turno vespertino na instituição, devido a demanda crescente de estudantes.
1954	Dr. José Martins Roda
	Foi nomeado pelo governador Dr. Antônio Balbino, contra a vontade da comunidade escolar, e geriu a escola por apenas 1 ano.
1955 - 1958	Dr. Orlando Bahia Monteiro
	Sua gestão contou com a colaboração da prof ^a Martha de Souza Dantas. Segundo documentos do colégio, a principal marca desta gestão foi a ordem e a transparência.
1958 - 1962	Dr. Armando Alberto da Costa
	Ao reassumir o cargo, este diretor fundou o Caixa Beneficente Hermano Santana, uma medida lançada para ajudar os estudantes

	<p>pobres, dando-lhes fardas, sapatos, livros e objetos escolares. Também foi inaugurado um novo pavilhão de aulas com cinco salas ao seu pedido. Em 1960 o estabelecimento deixou de ser Seção Ginásial e passou a ser colégio, com o início dos cursos clássicos e científicos.</p>
1962	Dr. Antonio Pereira
	<p>Suas ações não foram especificadas no documento pesquisado. Este diretor geriu a instituição por apenas 1 ano.</p>
1963-1965	Dr. Walter Luis Reuter
	<p>Elaborou o regimento interno do colégio; criou o serviço de protocolo geral de entrada de documentos; reorganizou a biblioteca e ergueu um novo pavilhão de aulas. Em 1965, o Dr. Reuter assumiu a direção do Colégio Central, e passou o cargo para a vice-diretora prof^a Amália Augusta Paranhos de Magalhães.</p>
1966 - 1979	Dr^a Amália Augusta Paranhos de Magalhães
	<p>Dentre algumas ações realizadas por esta professora se destacam: aparelhamento dos gabinetes de física, química e biologia; aparelhamento de projetores do cinema; revitalização da biblioteca; criação da Orquestra Afro-Baiana (única no gênero), de renome internacional que representou o Brasil na Feira Internacional de <i>Bonn</i> (Alemanha) e na Martinica; publicação do jornal do colégio: “O Severinista”; criação da Banda Marcial, premiada como campeã das olimpíadas escolares em 1978; organização da 1^a bial secundarista de artes plásticas; realização de dois festivais secundaristas de música popular brasileira; criação de um centro folclórico, disponível para visitantes na escola.</p>
1979 - 1986	Dr. Aristίδes Ariston da Silva de Souza Oliveira
	<p>Suas ações não foram especificadas no documento pesquisado.</p>

Quadro 4: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS GESTÕES DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA DE 1948 A 1986

Fonte: Elaborado pela autora baseada em Histórico do Colégio Severino Vieira (1979)

De acordo com os documentos oficiais, que datam de 1978, as ações realizadas pelo colégio, ganham maior ênfase durante a gestão da prof^a Amália Magalhães, neste período, a instituição tomou grande impulso, e se lançou como referência de cultura e educação na Bahia.

Segundo Bulhões (1994 apud COLÉGIO SEVERINO VIEIRA, 2007) o Colégio Severino Vieira figurava ao lado do Colégio Central da Bahia, da Faculdade de Filosofia, do Colégio de Aplicação e do Cine Nazaré que possuía uma excelente programação de filmes de arte, como o grande “auê” político intelectual da década de 1970.

As principais características do Colégio Severino Vieira ao longo da década de 1940 e meados da década de 1980 eram o rigor na escolha dos docentes, a regularidade e pontualidade das aulas, a eficiência e a ordem que se tornaram marcas registradas do colégio, tais atributos refletem o contexto sócio- político da época, período em que vigorava a ditadura militar.

Entretanto, estas características foram perdendo força e se deteriorando no decorrer dos anos, das gestões e das novas necessidades impostas pela sociedade, a exemplo da expansão demográfica e o início da democratização do ensino, que tornaram urgentes a criação de novos espaços escolares para atender a demanda de estudantes cada vez mais crescente. Diante desta realidade que o Colégio Severino Vieira é desmembrado em mais uma instituição, nasce assim a Escola Estadual Severino Vieira.

4.3 E NASCE A ESCOLA ESTADUAL SEVERINO VIEIRA

Foi na gestão do professor Aristides Oliveira, mais precisamente em 1981, que o Colégio Severino Vieira foi desmembrado em dois prédios. O então curso clássico e científico cedeu lugar ao curso colegial e um novo prédio foi criado para atender ao ensino fundamental. A partir desta data, ficou definida a seguinte estrutura: o Colégio Estadual Severino Vieira destinado ao colegial, atual ensino médio e a Escola Estadual Severino Vieira responsável pelo ensino básico, hoje ensino fundamental.

A Foto 5 a seguir mostra como se encontra a estrutura da instituição atualmente, sendo o colégio situado à direita, ao fundo e a escola à esquerda.



Foto 5: VISTA AÉREA DO ANTIGO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA
Fonte: Google Earth.

Esta segregação ocorreu no mandato do então governador Dr. Antônio Carlos Magalhães, na mesma época, também foi construído o ginásio de esportes que recebeu o nome do então secretário da educação Dr. Eraldo Tinoco. Além disso, houve a reconstituição do Grêmio Estudantil do Colégio, que havia sido combatido durante o regime militar.

A década de 1980 além de representar a separação dos níveis de ensino na antiga Seção de Nazaré, compreende também um período de declínio da instituição, que começa a perder o *status* de referência nacional a níveis de educação e cultura.

Nas décadas de 1950 a 1970, os estudantes da unidade Colégio Estadual Severino Vieira, eram em sua maioria, oriundos da classe média, e matriculados mediante processo seletivo, conhecido como “Admissão ao Ginásio”, que contribuía para selecionar os melhores estudantes, visando manter a boa qualidade de ensino da instituição. O corpo docente era rigorosamente escolhido (dentre os mais preparados). Os professores lecionavam nas Faculdades em expansão na época, eram profissionais satisfeitos com seus salários, que além de bem preparados, gozavam de prestígio e *status* na sociedade baiana. (HISTÓRICO DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA, 1979). O término da “Admissão ao Ginásio” marca o início de um novo tempo para a instituição, atualmente, mergulhado em outra realidade.

4.4 UMA NOVA REALIDADE

O “apogeu de ouro” do Colégio Estadual Severino Vieira, só ficou na lembrança daqueles que viveram naquela época e souberam usufruir de uma educação de qualidade. De



Foto 6: FANFARRA IMPACTO DE SALVADOR
Fonte: SILVA, 2010

todo o legado construído ao longo destas décadas, o único bem remanescente, além do espaço físico da escola, foi a banda Marcial, reativada em 1995 como Fanfarra Impacto de Salvador, e com sede na Escola Estadual Severino Vieira. A fanfarra ainda hoje é patrimônio considerado pelos estudantes da escola. Embora não tenha o mesmo apoio, de outrora, o grupo tem conquistado espaço na Bahia em suas apresentações, que lhe renderam o título de campeã baiana de 2008; a Foto 6 retrata a

fanfarra em uma de suas atuações durante o campeonato.

Atualmente, a instituição não preserva quase nada do seu glorioso passado, hoje o Severino Vieira vive em uma época de desgaste, atingido, por problemas como a evasão escolar, a criminalidade dos estudantes e o processo de enturmação imposto pelas estâncias governamentais da educação do estado.

A partir da crescente expansão do ensino ginásial e do 2º grau, viabilizado pelo término do concurso de admissão e pela expansão da rede de ensino pública, o ensino da escola acabou perdendo qualidade, como resultado da “massificação crescente” não apenas do estudante, mas também do professor. Hoje, praticamente, a totalidade dos estudantes provém de classes sociais menos favorecidas, não apenas do ponto de vista sócio-econômico, mas também do ponto de vista cultural. (COLÉGIO SEVERINO VIEIRA, 2007).

Além da separação dos prédios da instituição, houve também uma divisão da legislação, das atribuições, e da política institucional. Com base no projeto político-pedagógico da Escola Estadual Severino Vieira, construída legalmente em 1981, foi possível obter as seguintes informações:

Atualmente, a escola atinge os níveis de ensino de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, curso de aceleração e Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo a 2.086 estudantes matriculados no ano de 2009. A unidade escolar possui prédio próprio, de posse do

governo do estado da Bahia, situado à direita do Colégio Severino Vieira. A instituição possui um quadro total de 103 funcionários, sendo 59 professores, 1 diretor, 3 vice-diretores, 3 coordenadores, 15 funcionários administrativos, 18 funcionários de apoio e 4 seguranças, distribuídos nos três turnos, sendo que cada turno é gerido por um vice-diretor (a) e um coordenador pedagógico (a). (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, 2009).

Para atender a esta demanda, a Escola Severino Vieira conta com uma estrutura física de: 3 banheiros para estudantes; 1 banheiro para funcionários; 1 banheiro de professor; 1 cozinha; 1 depósito de merenda escolar; 1 almoxarifado; 1 sala para xerox; 1 sala de informática; 1 sala de artes; 1 sala de vídeo; 1 biblioteca; 1 secretaria; 1 gabinete odontológico; 1 sala de coordenação; 1 sala de professor; 1 auditório; 1 quadra de esporte; 1 estacionamento; 1 pátio para recreação e 1 horta escolar.

Contudo, é importante salientar que algumas destas dependências oferecem condições precárias de uso, a exemplo da sala de informática. Não somente na parte física é possível perceber a degradação da escola, que também vem decaindo no que tange a oferta de ensino de qualidade, evidente quando comparado aos métodos de ensino de outrora.

A retirada de disciplinas importantes do currículo e de cursos profissionalizantes de qualidade comprova o quadro da educação de base no estado da Bahia. Disciplinas formadoras vistas com desmerecimento e cursos profissionalizantes realizados mediante sorteio eletrônico, método que inviabiliza o acesso justo e igualitário dos estudantes baianos, visto que as intervenções não contemplam a totalidade da demanda.

O Colégio Severino Vieira, foi uma das referências de ensino, especialmente pelo fato de trabalhar com ensino de qualidade e utilizar temas sociais nas aulas, em seu núcleo diversificado e o turismo desponta como um exemplo.

4.5 TURISMO NO SEVERINO VIEIRA: do pioneirismo aos dias atuais

O Colégio Severino Vieira foi uma destas instituições de ensino, de considerável prestígio na sociedade baiana, que se viram obrigadas a se enquadrarem aos novos padrões de educação do estado. A saída dos cursos clássicos e científicos implicou numa reformulação da matriz curricular da escola e a retirada de disciplinas de formação especial, que eram subdivididas em curso instrumental e curso profissionalizante. O núcleo diversificado desta instituição nas décadas de 1970 e 1980 era formado por disciplinas que abrangiam aspectos da sociedade baiana, conforme Quadro 5 abaixo:

FORMAÇÃO ESPECIAL	
<i>Instrumental</i>	<i>Profissionalizante</i>
Redação e expressão	Administração
Inglês	História das artes
Francês	Psicologia
Educação Física	Folclore
Ensino Religioso	Estudos Baianos
Orientação educacional	Museologia
Geografia Humana	Desenho
Programa de Saúde	Técnica de Turismo

Quadro 5: NÚCLEO DIVERSIFICADO DO SEVERINO VIEIRA 1970/1980
 Fonte: Elaborado pela autora baseada em documentos oficiais da escola

As disciplinas de formação profissionalizante eram concluídas após o cumprimento de 120h de estágio supervisionado. O curso de técnica de turismo começou a ser lecionado nesta instituição na década de 1960 e oferecido às turmas do colegial, que atualmente correspondem ao ensino médio.

Relatos de ex-estudantes da época comprovam a existência da disciplina na instituição nessa década, assim como depoimento da senhora Alaíde Gonçalves, em 2009, ex-funcionária da Agência Conde Turismo, que revela a contribuição do Colégio Severino Vieira para a formação de guias de turismo nas décadas de 1950 e 1960, quando o turismo na cidade de Salvador ainda era incipiente. No entanto, a escola já não possui documentos, como matriz curricular e ementa, que comprovem a existência da disciplina neste período, constam apenas a matriz curricular e a ata de conclusão do curso de turismo da década de 1970 e 1980 (ver anexo p.91)

Hoje, com a mudança das legislações da educação brasileira, o núcleo diversificado acima se apresenta com muitas mudanças. Já não existe este leque de disciplinas especiais, e a maior parte delas já nem existe mais, a exemplo de Estudos Baianos e Museologia. Desde a década de 1990 o turismo já não consta como disciplina profissionalizante para o ensino médio do Colégio Severino Vieira, a qual prefere optar por disciplinas como Informática e Edificações.

O turismo se apresenta hoje como disciplina diversa da Escola Estadual Severino Vieira, cujo público-alvo engloba estudantes das 5ª e 6ª séries do ensino fundamental, que

estudam o turismo desde o ano de 2005. Neste sentido, a disciplina adquire outros objetivos, conteúdos e metodologia.

De acordo com a Coordenação Pedagógica, todo início de ano letivo a Escola Estadual Severino Vieira é submetida à Jornada Pedagógica. Este evento corresponde a um momento de revisão e reflexão das ações desenvolvidas no ano anterior, é o período de rever práticas, atender a solicitações de professores e estudantes e planejar o próximo ano letivo.

É durante a jornada pedagógica, que são definidas a carga horária de trabalho, as disciplinas, e seus respectivos professores, incluindo as disciplinas da categoria diversa. A escolha deve ser um consenso da coordenação e professores, uma vez que cada professor deve ter formação adequada para lecionar a disciplina. Para conceber a disciplina, a escola é submetida às seguintes fases:

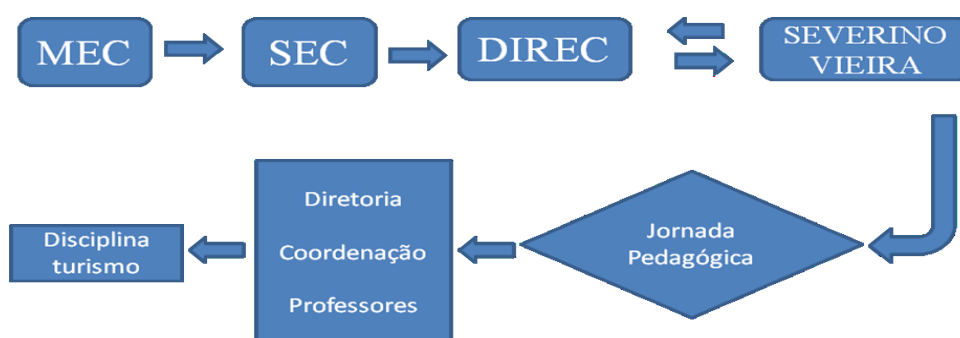


Figura 6: INSERÇÃO DA DISCIPLINA TURISMO NA ESCOLA SEVERINO VIEIRA

Fonte: Elaborado pela autora baseada em pesquisa de campo 2009

Tomadas as decisões, a disciplina turismo é direcionada às 5ª e 6ª séries, junto com ensino religioso, no entanto, a determinação de se trabalhar turismo, divide opiniões entre os gestores desta escola. A vice-diretora da instituição alega que, ao assumir o cargo recentemente, em 2008 a matriz curricular já estava definida, pois, segundo a legislação da entidade, as disciplinas desta categoria tem prazo de vigência de 5 anos, ainda assim, ela admite a importância de desenvolver o tema na escola, em razão da forte cultura turística da cidade, e da facilidade de se trabalhar o tema devido a quantidade de informações disponíveis.

Em contrapartida, a coordenadora pedagógica, acredita que os estudantes das 5ª e 6ª séries não são o público mais adequado para a disciplina, público este mais necessitado de disciplinas de formação básica como Ética e Sociedade.

Para ministrar as aulas de turismo, a Escola Severino Vieira opta por professores de geografia e história. No turno matutino são quatro professores no total, sendo 2 professores

de geografia e 2 professores de história, a escolha se deve ao fato destas disciplinas possuírem proximidade teórica com o turismo.

Embora responsáveis por lecionar a disciplina turismo, apenas um dos professores possui experiência profissional com a atividade, o mesmo atuou como coordenador de uma oficina realizada pela Secretaria Estadual de Turismo da Bahia (SETUR), cujo objetivo era trazer propostas de desenvolvimento da hotelaria de Salvador e melhores condições da cidade.

Os outros dois professores entrevistados não possuem experiência com a atividade turística, no máximo já trabalharam com temas correlatos, como educação ambiental, meio ambiente, cultura e arte popular, a exemplo de oficinas e palestras.

Esta falta de experiência em turismo atrai questionamentos acerca de qual seria então a validade da disciplina se ela não é lecionada por profissionais da área? E por quais motivos um bacharel em turismo não pode exercer esta função? Estas questões também afligem a coordenadora pedagógica, a mesma, acredita ser necessária a presença de turismólogos neste processo, bem como de outros profissionais, no caso de outras disciplinas diversas, entretanto, ela acredita que o Estado prefere custo com estes profissionais em cursos técnicos, visto que são mais efetivos em termo de geração de empregos para os estudantes.

E assim, por falta de bacharéis em turismo, os professores de geografia e história são escolhidos para lecionar a disciplina, com base nas suas experiências, afinidades e habilidades profissionais. Os conteúdos abordados nas aulas são planejados a cada unidade, e abordam temas como os pontos turísticos de Salvador, história da formação do povo baiano, dentre aspectos culturais e geográficos presentes na cidade e em outras localidades do Brasil.

O plano de ensino da 5ª série para o ano de 2009 compreende a estrutura abaixo, que traz os objetivos traçados, conteúdos abordados e estratégias planejadas.

UNIDADE I	
Objetivo Geral	Levar os alunos a reconhecer os pontos turísticos de Salvador, desde o início da fundação da cidade.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> - Conceito de turismo; - Formação do povo brasileiro; - Histórico de Salvador; - Pontos turísticos de Salvador (igrejas, museus, fortes, praias, etc).
Estratégias	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisa: Museu de Arte Sacra da Bahia, Museu Carlos Costa Pinto e Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM). - Avaliação escrita; - Saída de campo pela cidade de Salvador; - Atividades lúdicas.
UNIDADE II	

Objetivo Geral	Levar os alunos a valorizar o rio São Francisco.
Conteúdo	- Estados percorridos; - Descobrimento; - Importância; - Revitalização x Transposição; - Lendas, músicas e poemas.
Estratégia	- Pesquisa: lendas, músicas e poemas sobre o rio; - Avaliação escrita - Atividades lúdicas (mosaico com carrancas, desenhos coloridos).
UNIDADE III	
Objetivo Geral	Compreender os fatos marcantes da história da Bahia.
Conteúdos	Origem dos nomes das ruas de Salvador, Casa da Câmara, Canudos, Antonio Conselheiro e Lampião.
Estratégia	- Pesquisa: Lampião - Avaliação escrita - Atividades lúdicas
UNIDADE IV	
Objetivo Geral	Compreender o processo de crescimento das cidades fazendo relações com os aspectos culturais do Brasil.
Conteúdos	Movimentos migratórios (emigração e imigração) Vida e obra de Cândido Portinari; Caribé e Tarcila do Amaral.
Estratégia	- Pesquisa: Vida e Obra de Cândido Portinari; - Releitura da obra “Os retirantes de Cândido Portinari” - Avaliação escrita.

Quadro 6: PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA TURISMO DA 5ª SÉRIE, 2009

Fonte: Elaborado pela autora baseada no plano de ensino da disciplina para 2009

Observa-se, que este plano de ensino, foi elaborado com o intuito de fornecer ao estudante da 5ª série um conteúdo sócio-cultural básico, uma vez que ele contempla elementos e acontecimentos que podem remeter ao estudante a compreensão de sua história e de sua vida social. Entretanto, o plano não foi construído com o propósito de preparar os estudantes para uma consciência turística, embora possua elementos que indiretamente remetam a este propósito.

Um ponto favorável neste documento é a utilização de atividades lúdicas e saídas de campo, que além de tornarem a disciplina mais atrativa, são peças fundamentais para a melhor apreensão do conteúdo por parte dos estudantes, de maneira a tornar as aulas mais produtivas e prazerosas, tanto para estudantes quanto professores.

Para as turmas da 6ª série, o plano tem outros objetivos. Embora o documento não tenha sido localizado na Coordenação, os professores da disciplina relataram a proposta utilizada para a 6ª série. As aulas são planejadas com o objetivo de fornecer conteúdos sobre

os atrativos turísticos da cidade e do mundo, além de trazer aspectos mais conceituais sobre a atividade, bem como, funcionamento da hotelaria, agenciamento e guias de turismo, além de informações sobre o turismo local.

Um dos professores ressaltou a necessidade de trabalhar no estudante a consciência de que o turismo é uma importante fonte de recursos para o estado, mostrando-lhes a possibilidade de usufruírem deste mercado futuramente. Outra necessidade salientada foi a questão da hospitalidade e como ela deve ser trabalhada para que o turista se sinta acolhido e retorne mais vezes a cidade. Para o professor da 6ª série, estar preparado para receber bem o turista, é reconhecer bem a sua cidade, saber transmitir informações sobre os pontos turísticos, espaços de lazer, lojas de conveniência e todo tipo de informação que um cidadão comum precise.

Se a disciplina ofertada, leva em consideração alguns dos aspectos supracitados, já é um começo para a construção de uma consciência turística dos estudantes, visto que, remete a condição de cidadania dos estudantes, bem como o reconhecimento do seu papel de agente da sociedade, inclusive os atributos da hospitalidade e bom recebimento. Todavia, é válido frisar que muitas vezes, os professores não conseguem imprimir em suas práticas educativas suas percepções e idéias, o que para o desenvolvimento desta consciência é indispensável. Além desta postura é necessário um trabalho com bom direcionamento, não podendo ficar restrito à planos de ensino e à idéias, que nem sempre são postas em prática.

Embora as iniciativas relatadas pelos professores, coordenação pedagógica, e as constatações do plano de ensino da disciplina turismo, sejam muito bem intencionadas, apenas o exercício realizado no cotidiano e o seu nível prático, podem validar a disciplina enquanto instrumento de conscientização turística.

Com base neste propósito que foi realizada uma análise das práticas pedagógicas desenvolvidas, abrangendo a observação dos agentes envolvidos, e suas perspectivas perante a disciplina, a atividade turística e a cidade como um todo.

4.5.1 Analisando as práticas pedagógicas para o turismo

As práticas pedagógicas foram analisadas mediante pesquisa de campo, realizada em 4 etapas. A primeira e a segunda etapas foram desenvolvidas em outubro de 2009, primeiramente foi feito o reconhecimento do objeto de estudo e entrevista com a diretora da

instituição, e posteriormente, foi efetivada a observação indireta de uma aula de turismo na turma da 5ª série A.

Os dias 30 de novembro, 4,5,6 e 7 de dezembro de 2009, compreenderam a segunda etapa, quando foram aplicados os formulários aos estudantes e realizadas entrevistas com dois professores da disciplina, e a coordenadora pedagógica do ensino fundamental. A última fase foi realizada nos dias 12 e 15 de janeiro de 2010 e correspondeu à entrevistas com uma das docentes da disciplina e levantamento documental e histórico tanto do Colégio quanto da Escola Severino Vieira.

A conscientização turística foi o prisma que norteou a análise das práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas da disciplina turismo, realizada mediante a observação indireta de uma aula, e a partir de relatos dos sujeitos integrantes: gestores, professores, estudantes e ex-estudantes da disciplina.

O intuito desta metodologia foi perceber como estes indivíduos concebem a atividade turística e como eles interagem com o espaço constitutivo e apropriado pelo turismo, partindo de uma visão micro, assim como a família e o bairro, até uma visão macro, abrangendo a cidade. Levando em consideração suas experiências, suas expectativas, seu contexto e sua visão perante este espaço e como esta percepção reflete sobre a disciplina. De maneira a verificar se estas práticas estão contribuindo para a conscientização turística dos estudantes.

Em termos quantitativos, os instrumentos de coleta de dados foram direcionados a 01 vice-diretora, 03 professores de turismo, 01 coordenadora pedagógica e uma amostra de 115 estudantes. Esta amostra refere-se a 30% de um universo de 383 estudantes entre 11 e 16 anos que freqüentavam as aulas no ano letivo de 2009, nos períodos das 5ª a 8ª séries, conforme Tabela 5 abaixo:

Tabela 4
CORPO DISCENTE DA ESCOLA SEVERINO VIEIRA

Séries	Matriculados	Frequentes
5ª e 6ª séries	260	173
7ª e 8ª séries	298	210
TOTAL	558	383

Fonte: elaborado pela autora baseada em pesquisa de campo em 2009

Os profissionais envolvidos no desenvolvimento da disciplina demonstraram uma percepção muito interessante do turismo enquanto atividade, não sendo vista apenas como agente mercadológico, gerador de renda, empregos e discursos políticos, mas como uma atividade global, que envolve aspectos sociais, culturais, históricos, políticos e econômicos.

Tanto gestores quanto professores reconhecem a importância do turismo e a necessidade de utilizá-lo como veículo de educação de base, em razão de sua permissividade, de sua área de abrangência e principalmente, por ser elemento influente na realidade dos estudantes de hoje.

Para a coordenadora pedagógica, o turismo não é apenas um gerador de renda, como a mídia impõe, com o apelo das festas, a exemplo do carnaval e do São João, a mesma faz a seguinte afirmação:

o turismo tem que ser levado a sério. Precisamos parar de viver de aparências o tempo todo. É só vestir a baiana de acarajé e pôr a fita do Bonfim, como se agente vivesse nesse cenário o tempo todo, como se o Pelourinho fosse isso o tempo todo. Será que o turismo só ocorre no Pelourinho? Quantas histórias temos para contar?

A coordenadora complementa esta visão ressaltando o seguinte:

[...] que a atividade do turismo pode trazer benefícios para o país. Pode! É inegável. Mas eu gostaria que ela fosse vista, como uma coisa que vai te dar noção, conhecimento, pertencimento, história de quem é você, de quem somos nós.

De acordo com estas idéias, um dos professores entrevistados, acredita que o turismo não traz apenas uma melhoria econômica para a sociedade, pois ele também agrega valores aos indivíduos, tornando-os cidadãos mais receptivos e possuidores de uma cultura mais elaborada, favorecendo uma forma de lidar com mais receptividade e com mais conhecimento, percebendo a inerência de valores como sociabilidade, afetividade e atenção. O mesmo ainda dá a seguinte contribuição:

o turismo é uma atividade presente na vida de todos nós, que fazemos parte da sociedade baiana, brasileira e mundial, pois não se limita somente a realidade em que nós estamos inseridos. E diz respeito a muitos valores que estão agregados ao turismo como o desenvolvimento sócio-histórico-econômico-cultural na nossa cidade, no Brasil e no mundo. Nesse contexto globalizado, voltado a todos os indivíduos cidadãos, de forma direta ou indireta, sem esquecer as relações políticas que direcionam os sistemas públicos e privados inerentes ao turismo.

Observa-se que estes profissionais reconhecem os diferentes aspectos do turismo, e não ficam restritos a uma idéia econômica, embora lhes faltem um conhecimento mais elaborado sobre a atividade, nota-se um valioso esforço em desenvolver métodos e práticas que despertem o interesse do corpo estudantil por este assunto, mesmo com todas as dificuldades de uma escola pública: escassez de recursos financeiros, de material didático, falta de interesse dos estudantes, indisponibilidade dos professores e principalmente o desmerecimento que permeia uma disciplina diversa.

Embora, estas fragilidades não possam ser generalizadas, elas estão presentes no cotidiano da Escola Estadual Severino Vieira, ainda assim, a disciplina turismo é desenvolvida mediante práticas pedagógicas valorosas e merecedoras de um maior apoio.

Dentre as atividades realizadas com os estudantes se destacam: as visitas de campo, que são realizadas no mínimo 01 vez ao ano e as atividades lúdicas que envolvem apresentações teatrais, simulações, jograis, artes plásticas e pesquisas. A escola já fez visitas em diferentes locais de Salvador entre os anos de 2005 e 2009, destacando-se pontos turísticos e instituições culturais, conforme Quadro 7.

<i>Visitas de campo</i>	
Pelourinho	Museu Etnológico da Bahia
Praça da Sé	Museu Náutico da Bahia
Elevador Lacerda	Barra
Palácio Rio Branco	Igreja de São Francisco
Museu Afro da Bahia	Igreja de Nazaré
Biblioteca Monteiro Lobato	Biblioteca Central
SESC de Nazaré	***

Quadro 7: LOCAIS VISITADOS PELOS ESTUDANTES

Fonte: Elaborado pela autora baseada em pesquisa de campo em 2009.

Salientando que estas visitas foram citadas pelos professores e lembradas pelos estudantes, o que demonstra o nível de satisfação e interesse dos educandos perante a realização de atividades como estas.

Em 2008, foi realizado um *city tour* pelo bairro de Nazaré, bairro histórico da cidade de Salvador. Dentre os pontos visitados pelos estudantes estavam a Igreja de Nazaré, a

Praça Almeida Couto e a Biblioteca Monteiro Lobato. Segundo os professores entrevistados, todas as visitas realizadas são seguidas de relatório, que servem como avaliação parcial da unidade.

Como aproveitamento desta visita, um dos professores resolveu trabalhar os aspectos do agenciamento, com os estudantes da 6ª série, a atividade proposta foi a elaboração de um roteiro que abrangesse os pontos visitados, envolvendo a apresentação oral para a turma e a elaboração de um mapa do roteiro.

Este mesmo docente propôs outra atividade lúdica para os estudantes de suas turmas do ano letivo de 2008. Foi realizado um *city tour* institucional. Neste passeio, o estudante teve contato com a história da instituição, sua fundação, marcos históricos e curiosidades.

Um aspecto que é trabalhado por dois professores é incentivar que o estudante reconheça o bairro em que ele reside, pesquisando suas características históricas, culturais, sociais e geográficas. Dessa forma, os estudantes são estimulados a analisar e descobrir a sua realidade; este tipo de prática ratifica o que a coordenadora pedagógica defende:

o turismo permite a interação, devido a sua própria concepção. Permite entender a história, e para que um indivíduo compreenda isso, ele precisa entender o lugar em que ele vive a que ele veio e a que ele pertence. E pode-se entender o turismo, a partir da própria localização onde o estudante está inserido. Seu contexto social, onde ele mora, onde nasceu... Buscar sua própria história, e a partir dela localizar e identificar tudo que seja inerente ao turismo. Porque tudo está interligado.

Porém, o esforço em realizar atividades diferentes, nem sempre é iniciativa de todos os professores da disciplina, que as vezes se restringem à práticas desgastantes e ultrapassadas, a exemplo de cópias e questionários longos, atividades que não são bem recebidas pelo corpo estudantil, conforme observado durante os relatos.

O mais adequado não é abolir estas práticas por completo, mas sim adequá-las ao público e variar os procedimentos, trazendo algo diferente, pois, o adolescente necessita de algo que o motive, algo que lhe desperte o interesse de descobrir e prosseguir. A mesmice e a rotina desmotivam e podem contribuir para que a disciplina não seja vista com tanto valor pelo estudante, principalmente, quando não se tem uma obrigatoriedade de nota, como é o caso da disciplina turismo.

Por este motivo, que a coordenadora pedagógica, enfatiza a necessidade de trabalhar o turismo não somente em sala de aula, mas sim de uma maneira dinâmica, e como a mesma afirma: “turismo precisa ser experiência vivenciada”.

Contudo, a estrutura deficiente da escola impossibilita as saídas de campo com frequência, uma vez que falta verba para cobrir os custos dessas saídas e até mesmo de possíveis viagens no estado, afinal, a maioria absoluta dos estudantes do Severino, é residente de áreas periféricas de Salvador, e o trabalho de campo não requer apenas custo com deslocamento, mas também com alimentação, despesa esta que muitos estudantes não podem arcar.

Esta carência se agravou ainda mais no ano de 2009. Em razão do processo de enturmação que também atingiu o Severino Vieira, houve uma relocação de verbas para a escola e conseqüentemente a não liberação de recursos extras por parte do governo, dessa forma, as saídas a campo tiveram que ser canceladas.

A alternativa sugerida pelos gestores e professores da escola foi a realização de uma visita no próprio bairro de Nazaré, assim, a única saída de campo realizada pelos estudantes da disciplina em 2009, foi ao Serviço Social do Comércio de Nazaré (SESC/Nazaré) onde eles tiveram a oportunidade de assistir uma palestra sobre educação ambiental, ministrada por profissionais da área de geografia e meio ambiente, dentre os temas apresentados estavam: camada de ozônio, aterros sanitários, coleta seletiva e reciclagem.

O deslocamento até o SESC/Nazaré foi outro grande desafio para os professores, que tiveram muita dificuldade em levar 8 grupos de cerca de 40 estudantes cada. Ao todo, foram 8 viagens realizadas a pé, em meio ao movimentado trânsito do bairro. Segundo uma das professoras responsáveis pelo passeio, o grande problema é a euforia das crianças: “os meninos são muito agitados, buliçosos [...] e nem todos os professores estão disponíveis a este tipo de atividade, é preciso ter muita paciência e atenção redobrada, afinal, enquanto eles estiverem realizando atividades escolares, a responsabilidade é toda nossa”.

Este entrave coincide com a opinião da coordenadora pedagógica, a qual acredita, na necessidade de repensar o público alvo da disciplina visto que, as saídas de campo requerem um protocolo muito mais dispendioso com estudantes das 5ª e 6ª séries. As visitas requerem autorização por escrito dos pais, ou responsáveis, e por conta disto, muitos estudantes ficam impossibilitados de realizar essas atividades, diferentemente dos públicos das 7ª e 8ª séries, que são mais maduros e possuem mais autonomia em deslocar-se na cidade.

A coordenadora considera mais adequado trabalhar cultura, história ou geografia da Bahia com as turmas das 5ª e 6ª séries, visto que são temas mais amplos e mais fáceis de trabalhar em sala de aula, não sendo determinante a utilização do trabalho de campo.

Apesar de todas as dificuldades encontradas pelos professores da Escola Estadual Severino Vieira, para lecionar o turismo, ainda assim, a disciplina é muito bem recebida pelos discentes. Dentre os estudantes entrevistados, 85,2% gostam da disciplina, as justificativas foram variadas e demonstraram o interesse destas crianças em conhecer mais sobre Salvador, em descobrir lugares novos na cidade, a cultura e os pontos turísticos locais.

Um estudante da 6ª série salientou que a disciplina é importante, pois, aprendendo mais sobre Salvador, é possível ajudar os turistas a aprender mais sobre a cidade, além de divulgar mais as belezas dela. Outra estudante da 5ª série diz que o turismo é sua disciplina favorita, pois fez com que ela descobrisse lugares, os quais ela nunca imaginava existir em Salvador.

Desta forma, evidencia a necessidade da realização de trabalhos de campo, que permitam ao estudante, experienciar, vivenciar e descobrir. 77,4% dos estudantes já realizaram atividades extra classe com o Severino Vieira, os 22,6% que não tiveram essa experiência alegaram não poder participar, por falta de autorização dos pais ou por não terem sido selecionados para a atividade. Esta seleção que envolve notas, comportamento e participação nas aulas se dá em decorrência da escassez de recursos da escola para atender toda a demanda de estudantes.

Esta pesquisa revelou que a participação da escola é preponderante para os estudantes conhecerem espaços culturais como, museus, teatros e bibliotecas, locais de lazer que ainda são de pouco acesso, reconhecimento e interesse por parte da população mais carente. Dos 115 estudantes entrevistados, 80% já conhecem um museu, sendo que os seus acompanhantes variam entre professores e familiares:

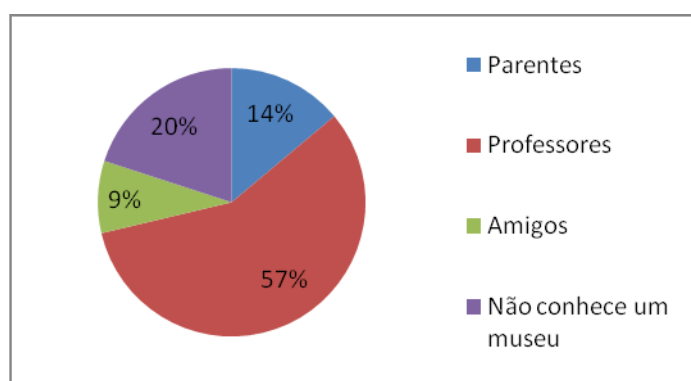


Gráfico 1: ACOMPANHANTE DE VISITAS A MUSEU

Fonte: Elaborado pela autora baseada em pesquisa de campo 2009

O Gráfico 1 ratifica a importância da presença da escola neste processo, uma vez que dos 80% dos estudantes que já visitaram um museu, 57% foram acompanhados pelos professores durante visitas de campo realizadas pela Escola Severino Vieira. Além disso, há uma receptividade pela maioria dos estudantes em atividades como visitas a museus, 69% consideram esta experiência entre ótima e boa, conforme Gráfico 2 a seguir.

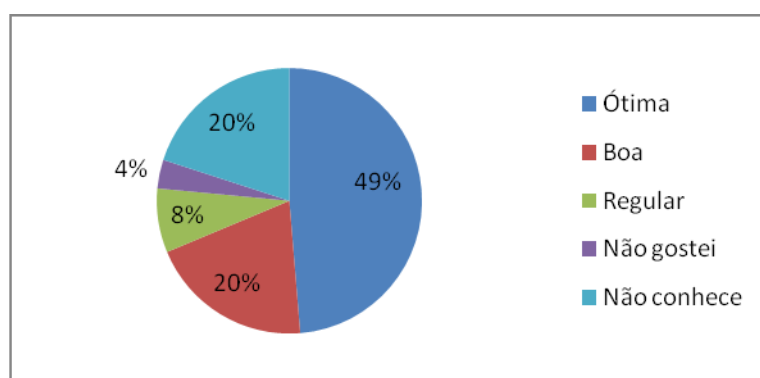


Gráfico 2: EXPERIÊNCIA DE VISITAS A MUSEUS

Fonte: Elaborado pela autora com base em pesquisa de campo

A maioria dos estudantes da Escola Severino é residente de bairros periféricos da cidade, a exemplo de Calabar, Alto das Pombas e Subúrbio Ferroviário, locais como estes que possuem baixos indicadores sociais e são atingidos por problemas como a infra-estrutura, saneamento e a falta de segurança latente. Estes problemas demasiado frequentes no cotidiano destas crianças contribuem para que elas possuam uma visão pessimista do seu espaço de moradia, impossibilitando a percepção de elementos positivos em seus bairros, bem como elementos histórico-culturais e belezas naturais, que para eles são encontrados apenas na área nobre da cidade. Dos 115 estudantes entrevistados, apenas 2 crianças, conseguiram identificar elementos de relevância em seu bairro, foram citados o Grupo de Teatro da Plataforma e o Parque São Bartolomeu.

Observa-se a falta de pertencimento e interesse em seu próprio bairro, por parte dos estudantes, embora muitos sejam moradores de bairros históricos como Barroquinha, Nazaré, Carmo, Saúde e Liberdade ou de locais de singular beleza natural como os bairros do subúrbio ferroviário, tais características não foram identificadas pelas crianças.

Ao serem questionados sobre a importância do turismo para a cidade, a maioria tímida preferiu não responder ou não sabia responder de uma maneira crítica. Das poucas

crianças que opinaram, a maior parte citou a atividade turística como oportunidade de renda para as pessoas desempregadas de Salvador. Algumas acreditam que o turismo é importante para divulgar a beleza da cidade e atrair novos visitantes. Outros salientaram o turismo como oportunidade de festas como o Festival de Verão, o Carnaval e as festas de largo.

Apenas cinco estudantes demonstraram uma visão distinta das demais opiniões que se tornaram comuns ao longo das entrevistas. O estudante da turma 5ª série A, afirmou que é importante os turistas conhecerem a realidade de Salvador e observarem que a cidade não é só aquilo que passa na televisão, que não é só violência. Já o outro estudante da turma 5ª série B, não vê o turismo como algo relevante para a cidade, pois, para ele os turistas atraem a marginalidade, além de proliferarem doenças e epidemias. A percepção negativa da atividade turística, também acompanha a opinião de três estudantes da 7ª série, os quais revelaram nenhum interesse pelo turismo, alegando não possuírem contato com turistas, por isso a atividade para eles não teria a menor importância.

Os estudantes entrevistados mostraram dificuldade em associar a disciplina turismo à atividade turística. Nenhuma das crianças entrevistadas conseguiu se identificar no processo turístico da cidade, ao não ser como guias de turismo ou exercendo alguma outra atividade profissional, a maioria dos estudantes acredita que esta é a maior contribuição da disciplina, prepará-los para dar informações aos turistas e trabalhar na área futuramente.

Este tipo de opinião demonstra o quanto a atividade turística, ainda é vista somente como oportunidade de renda, tornando urgente um trabalho de preparação destes jovens, afinal, estar consciente turisticamente não implica apenas em manter relações diretas com os visitantes, como pensa boa parte da população soteropolitana, mas é essencialmente, identificar-se com tudo aquilo que faz parte da cidade e que é apropriado pelo turismo, bens culturais, naturais e históricos, sejam eles materiais ou imateriais, que são de responsabilidade dos cidadãos de Salvador, os quais tem por dever conhecer, preservar e zelar para as gerações futuras.

Tal sentimento de pertencimento e consciência que ainda não é cultuado por considerável parte da população soteropolitana, e é esta a realidade que acompanha os estudantes da Escola Severino Vieira, carentes de um trabalho mais efetivo e direcionado.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas de professores da disciplina turismo e sua contribuição para a conscientização turística dos estudantes da Escola Estadual Severino Vieira. Para isto, foi realizada a análise do perfil dos gestores, professores e estudantes da escola, no que tange à concepção e o desenvolvimento das práticas pedagógicas dessa disciplina e do turismo enquanto atividade.

Mediante a análise e interpretação das informações e dados obtidos com a pesquisa de campo, observou-se que a Escola Estadual Severino Vieira enfrenta uma série de problemas estruturais e pedagógicos no que tange à disciplina turismo, entraves como a falta de recursos materiais para o desenvolvimento das aulas; carência de recursos didáticos; desmerecimento por parte do corpo docente da escola, por ser uma disciplina diversa, e principalmente, a inexistência de um referencial teórico mais consistente que estimule os estudantes a construir uma visão sócio-crítica da atividade turística.

Portanto, pode-se inferir que o trabalho de educação para o turismo realizado nesta instituição, não compõe os elementos suficientes para a formação de uma consciência turística dos estudantes, a ponto de torná-los sujeitos críticos e participativos no que tange a atividade turística de Salvador.

Apesar de conseguirem compreender o turismo como um elemento sócio-cultural, e histórico, os professores não dispõem de uma orientação para lecionar a disciplina turismo, e auxiliá-los a imprimir esta visão social nos conteúdos apresentados e nas práticas desempenhadas. E assim, a disciplina vai sendo desenvolvida como extensão das áreas de formação dos professores em geografia e história. A falta de conhecimento sobre o turismo culmina na utilização de fontes teóricas pouco confiáveis, a exemplo de materiais promocionais e textos da internet.

Tais contrapontos tornam ainda mais necessária a presença de bacharéis em turismo neste processo de educação turística das crianças, seja na atuação em sala, ou até mesmo como orientação destes professores.

Ainda assim, há de se salientar o esforço de alguns professores em desenvolver práticas pedagógicas criativas, como atividades lúdicas e visitas de campo, que são bem aceitas pelo corpo estudantil da escola, mas, que são mitigadas em razão das dificuldades destacadas e pela falta de credibilidade dos demais professores.

O fato dos estudantes terem apreço pela disciplina, principalmente por causa dos assuntos, e pelo fato deles reconhecerem mais a cidade através dela, já são pontos positivos e potenciais para serem melhor trabalhados, de modo a transformar a disciplina num referencial de crítica, cidadania e consciência turística para os estudantes. Neste sentido, a aproximação entre o conhecimento científico produzido nas universidades de turismo e o conhecimento produzido nas escolas de ensino fundamental se torna preponderante para a efetivação deste processo, carente de melhores intervenções.

Esta proximidade seria uma oportunidade de desconcentrar o saber produzido na academia e distribuí-lo aos setores sociais carentes, a exemplo das escolas. E por que não permitir uma socialização de experiência, informações e conhecimento entre professores e estudantes das universidades de turismo e das escolas de ensino fundamental que aplicam esta disciplina? Uma alternativa para construir novos caminhos através do turismo, romper barreiras, trazer novas possibilidades, permitir experiências enriquecedoras aos sujeitos envolvidos e mostrar que ainda é possível formar cidadãos críticos na escola.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, João. **Enraização de propostas turísticas**. In: RODRIGUES, Adyr Balastreri. (org). Turismo e Desenvolvimento Local. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 147-163.

BAHIA, Secretaria da Cultura e Turismo. **Século XXI – Consolidação do turismo: estratégia turística da Bahia 2003-2020**. Salvador: A secretaria, 2005. (coleção selo turismo) 148p.

_____. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. **Regimento institucional**. Decreto nº 8.877 de 19 de janeiro de 2004 da Lei nº 8.970, de 05 de janeiro de 2004. BAHIA, 2004. Disponível em: <www.sec.ba.gov.br> Acesso em 17 jan. de 2010.

_____. Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia. **A Bahia frente à crise: entrevista com Geraldo Reis - diretor geral da SEI**. Salvador: SEI, 2009. Disponível em: <www.sei.gov.br> Acesso em 17 fev. de 2010.

_____. Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia. **PIB total e per capita: Bahia e Brasil, 2008**. [SI]: SEI, 2008. Disponível em <www.sei.gov.br> Acesso em 18 jan. de 2010.

_____. Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia. **Panorama econômico da Bahia em 2009** [SI]: SEI, 2009. Disponível em: <www.sei.gov.br> Acesso em 17 fev. de 2010.

BAUER, Patrícia; BASSI, Tânia. “Ética e Responsabilidade Social no Ensino Fundamental”. Qual o Papel da Escola na Formação de Valores Humanos? In: **Revista Integração**. São Paulo: CETS, FGV – EAESP, n. 63, jun. 2006. Disponível em: <<http://integracao.fgvsp.br>>. Acesso em 03 out. de 2009.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do turismo**. 2. ed. São Paulo: Senac, 1998.

BOYADJIEVA, Nadia et al. **Educações para o Desenvolvimento Sustentável: Imagens e objetos, uma abordagem activa**. Tradução, Ana Cristina Figueira, Nuno Melo e Victor Nogueira. Comunidade Européia: Consumer Citizenship Network, 2008. Disponível em: <<http://www.eselx.ipl.pt/eselx/downloads/Projectos>> Acesso em: 16 Fev. de 2010.

BRASIL a. Congresso Nacional. Decreto nº 3.860, de 20 de dezembro de 2001. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96**. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em 11 ago. 2009.

BRASIL. Ministério da Indústria do Comércio e do Turismo – EMBRATUR: Instituto Brasileiro de Turismo. **Política Nacional de turismo: diretrizes e programas 1996-1999**. Brasília, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CASTRO, Celso Antonio Pinheiro de. **Sociologia Aplicada ao Turismo**. São Paulo: Atlas,

2002.

COLÉGIO SEVERINO VIEIRA. **História da instituição**. Salvador: Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 2007.

COLL, César; SOLÉ, Isabel et al. **O construtivismo na sala de aula**. 6. ed. Tradução de Cláudia Schilling. São Paulo: Ática, 2003. (série fundamentos).

CONCEIÇÃO, Rosângela Ferreira; ROCHA, Alynson dos Santos. **Turismo no Brasil e na Bahia: desempenho, entraves e potencialidades para o segmento no século XXI**. In: BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro; ANDRADE, Adriano Bittencourt (org). Turismo: academia e mercado. Salvador: Ponto e Vírgula publicações, 2009.

COOPER, Chris; SHEPHERD, Rebecca; WESTLAKE, John. **Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade**. Tradução, Rosemary Neves de Sales Dias, Cíntia Kaori Yotoka e Laura Martins Arnstein. São Paulo: Roca, 2001. (coleção de treinamento e educação em turismo da Organização Mundial do Turismo).

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Introdução a Geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003. p. 5-4.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 6. ed. Brasília: MEC/UNESCO, 2001.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

FERREIRA, Nilda. **Cidadania: uma questão para a educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA (FIPE). **Caracterização e dimensionamento do turismo na Bahia**. São Paulo: FIPE, 2008. Disponível em: <www.bahiatursa.gov.br>. Acesso em: 12 jan. de 2010.

FOSNOT, Catherine Twomey. **Construtivismo: Teoria, perspectivas e prática pedagógica**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Art Med, 1998.

FREIRE, Paulo. **A mensagem de Paulo Freire: teoria e prática da libertação**. Porto: Nova Crítica, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

GADOTTI, Moacir (org). **Perspectivas atuais da Educação**. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GO. Frank. **A Globalização e os problemas educacionais do turismo emergente**. In: THEOBALD. William (org). Turismo Global. Tradução, Anna Maria Capovilla, Maria Cristina Guimarães Cupertino, João Ricardo Barros Penteado. São Paulo: SENAC, 2001. p. 459-487.

GONÇALVES, Alaíde. **Correspondência pessoal**. Salvador, 2009.

GOODEY, Brian. **Interpretação e comunidade local**. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG, Território Brasilis, 2002.

HANNAS, Maria Lúcia; PEREIRA, Iêda Lúcia. **Nova prática pedagógica: propostas para uma nova abordagem curricular**. São Paulo: editora Gente, 2000. (coleção novos rumos da educação).

HISTÓRICO DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA. Secretaria da Educação e Cultura da Bahia: Salvador, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Coordenação de Contas Nacionais. **Economia do turismo: análise das atividades características do turismo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

_____. **Contagem Nacional da População de 2007**. Bahia: IBGE, 2007a.

_____. **Estados @ - Bahia**. Bahia: IBGE, 2007.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LOPES, Conceição. **Ludicidade humana: contributos para a busca dos sentidos do Humano**. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004.

MACHADO, Virginia. Definições de prática pedagógica e a didática sistêmica: considerações em espiral. In: **Revista Didática Sistêmica**. Volume: 1 Trimestre. Outubro-dezembro de 2005. Disponível em: <<http://www.redisis.furg.br/edicoes/vol11/art010.PDF>>. Acesso em: 15 fev. de 2010.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo: a produção do conhecimento em aula**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MOYSÉS, Lúcia. **O desafio de saber ensinar**. 10. ed. Campinas: Papirus, 1994.

NOSSO PATRONO. **Severino Vieira: o patrono do nosso colégio**. Salvador: [Jornal O Severinista], 1968.

OLIVEIRA, Cleide Galiza de; MEDEIROS, Rejane. Turismo e população local: como interagir? In: **Revista Espaço Acadêmico**. [S.l.], set de 2002. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br>. Acesso em: 15 jul. de 2009.

PILETTI, Nelson. . **Estrutura e funcionamento do ensino fundamental**. 26. ed. São Paulo: Ática, 2004.

PECCATIELLO, Ana Flávia Oliveira. Turismo Pedagógico como uma estratégia de ensino-aprendizagem sob a óptica dos Parâmetros Curriculares Nacionais 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. In: **Revista Global Tourism: Turismo e Educação**. [S.l]: nov de 2005.

Disponível em: <www.periodicosdeturismo.com.br>. Acesso em 20 jul. de 2009.

PORTUGUEZ, Anderson Ferreira. **Consumo e Espaço: turismo, lazer e outros temas**. São Paulo: Roca, 2001.

_____. **Elementos para uma abordagem crítica do turismo no ensino de primeiro e segundo graus**. In: RODRIGUES, Balastrieri Adyr. *Turismo e Desenvolvimento Local*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 179-188.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Salvador: Escola Estadual Severino Vieira, 2005.

RIBAS, Mariná Holzmann. Educação para o turismo. In: **Revista olhar de professor**. Ponta Grossa, 2002. Disponível em: <www.uepg.br/olhardeprofessor/pdf/revista51>. Acesso em 28 set. de 2009.

RODRIGUES, Balastrieri Adyr. **Apresentação**. In: _____ *Turismo e Desenvolvimento Local*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 9-13.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 1997 (coleção turismo).

SALES, Elias Junior Câmara Gomes; ANTONIO FILHO, David Fadel. Turismo e a Problemática da inclusão/exclusão socioespacial: um estudo exploratório em Armação dos Búzios – RJ. In: **1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo - Rio Claro**. Campus Bela Vista – Unesp – Rio Claro/SP. 17 a 19 de nov. de 2008. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br>>. Acesso em: 05 ago. de 2009.

SANTOS FILHO, João. Inclusão ou exclusão social: qual é a lógica do Turismo? In: **Revista Espaço Acadêmico**. Caxias do Sul, jun de 2008.

SILVA, John. **Fanfarra Impacto de Salvador**. 2008. 1 fotografia, color, HTML.

SOUZA, Ivana Carolina. **Severino Vieira**. 2010. 1 fotografia, color, 454 x 527 pixels

_____. **Colégio Severino Vieira, década de 1940**. 2010. 1 fotografia, color, 448 x 336 pixels.

_____. **Lateral – antigo prédio do Colégio Severino Vieira, 2010**. 1 fotografia, color, 448 x 336 pixels.

_____. **Fachada - antigo prédio do Colégio Severino Vieira, 2010**. 1 fotografia, color, 448 x 336 pixels.

_____. **Vista aérea do antigo Colégio Severino Vieira, 2010**. 1 fotografia, 439 x 375 pixels.

SOUZA, Maria Antonia de. Prática pedagógica: conceito, características e inquietações. In: **IV Encontro Ibero-americano de coletivos escolares e redes de professores que fazem investigação na sua escola**. Rio Grande do sul. 24 a 29 de jul de 2005. Disponível em: <<http://ensino.univates.br>> Acesso em: 03 fev. 2010.

TEXTOS PEDAGÓGICOS. **Recursos didáticos**. União Espírita Mineira: Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <www.uemmg.org.br> Acesso em 17 fev. de 2010.

TORRES, Carlos Alberto. **A práxis educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979. (coleção Paulo Freire).

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2. ed. Campinas, Papirus, 1992.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO PARA ESTUDANTES

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

Objetivo da Pesquisa

Analisar o processo de educação para o turismo e a sua contribuição para a conscientização turística dos estudantes da Escola Estadual de ensino fundamental Severino Vieira.

ESTUDANTES DA DISCIPLINA TURISMO

Informações Pessoais

1. Nome:.....
2. Bairro:.....
3. Sexo: () Feminino () Masculino
4. Idade.....Turma.....Professor(a):.....

Salvador

1. Você gosta de morar aqui em Salvador?
Justifique

() Sim () Não.

2. O que você mais gosta na cidade? (escolha no máximo 3 opções)

() As pessoas () Praias () Parques/Praças
() Festas/Carnaval () Folclore () Religião
() Música/Dança () Ruas/Avenidas
() História () Outros.....

- 3 O que você acha da cultura de Salvador? Ela é importante? Por quê?.....

4. O que você menos gosta na cidade?.....

5. Para você quais os principais problemas que a cidade enfrenta? (escolha 4 opções)

() Segurança () Emprego () Água
() Saneamento () Transportes () Limpeza
() Educação () Moradia () Lazer
Outro.....

O bairro onde mora e o lazer

1. E o seu bairro? Você gosta dele?
() Sim () Não.....
2. O que você acha mais interessante no seu bairro?.....
3. O que você menos gosta nele?.....

4. Você acha que algum turista visitaria o seu bairro? () Sim () Não () Turistas já visitam

5. Quais espaços de lazer você costuma frequentar? (enumere)

() Festas () Cinema () Shopping
() Parques () Praias () Teatro
() Museu () Outros.....

6. Quais desses espaços você ainda não frequentou? (escolha no máximo 2)

() Biblioteca () Cinema () Shopping
() Parques () Praias () Teatro
() Museu () Outros.....

7. O que lhe impede de visitá-lo?

() Preço () Distância
() Transporte () Falta de tempo dos pais
() Não tenho vontade () Oportunidade
() Outro.....

8. Já visitou algum museu?

() Sim () Não Caso sim, qual?.....

9. Se já visitou, quem lhe acompanhou?

() Professores () Amigos
() Familiares () Outros

10. O que achou da experiência?

() Ótima () Boa () Regular
() Muito chata () Não gostei

Escola

- 1 O que você acha da escola?

() Ótima () Boa () Regular
() Muito chata () Não gosto

2. O que você mais gosta da escola?

() As disciplinas () Os professores
() Os funcionários () Meus colegas
() Não gosto da escola. Justifique.....

3. Qual disciplina você mais gosta?.....

Disciplina turismo

1. Você gosta da disciplina turismo?

() Sim () Não. Justifique.....

2. Acha importante estudar o turismo?

() Sim () Não. Justifique.....

3. Você costuma fazer visitas em Salvador com a escola? () Sim () Não

4. Caso sim, escolha no máximo três locais que você visitou.....

5. O que você mais gosta das aulas?

() O assunto () A didática do professor

() As visitas () Não gosto da disciplina. Caso não goste, justifique.....

6. O que você mais gostou de aprender sobre o turismo na escola?.....

7. Quais desses recursos o seu professor usa mais? (escolha 4 opções)

() aula expositiva () aula dialogada

() retro projetor () filmes

() visitas () seminários

() leitura em grupo () música

() livros/revistas () jornais

() folders/cartazes () slides

8. Como são feitas as avaliações (escolha 2 opções)

() prova/teste () seminários

() pesquisas () outros.....

9. O que acha desse tipo de avaliação?

() ótima () boa () regular

() cansativa () péssima

Justifique.....

.....

Concepção do turismo

1 Escolha três pontos turísticos de Salvador que você mais frequenta?.....

.....

2 Você tem dificuldades de acesso a esses pontos turísticos? Quais?

() segurança () transporte

() preço alto () distância () outros....

.....

3 Qual lugar de Salvador você levaria um turista para conhecer? Justifique.....

.....

4 Acha o turismo importante para Salvador? Por quê?.....

.....

5 O que o turismo representa para você? Ele traz benefícios? Quais?.....

.....

6 E você acha que o turismo traz algum malefício para você e para Salvador? Por quê?

.....

7 Você acha que o turismo pode ajudar na preservação da cultura e da natureza da cidade? Como?.....

.....

8 Já realizou ou realiza alguma atividade atrelada ao turismo?

() Bares/ restaurantes () Ambulante

() Guia/conductor mirim

() Música/Teatro/Dança

() Nunca trabalhei () outros.....

9 Caso seja positivo, como foi sua relação com o turista?

() ótima () Boa () regular ()

péssima () Não houve contato

Justifique.....

10 Conhece alguém que trabalha com o turismo?

Qual atividade ele exerce?

() Pais () Amigos () Parentes

() Vizinhos.....

11 Para você, o que é ser hospitaleiro? Você se considera uma pessoa hospitaleira?.....

.....

.....

12 E o turista? O que ele representa para você

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSOR

Objetivos:

Analisar o processo de educação para o turismo e a sua contribuição para a conscientização turística dos estudantes da Escola Estadual de ensino fundamental Severino Vieira.

PROFESSORES DA DISCIPLINA TURISMO

Perfil do (a) professor (a)

- 1) Qual a formação acadêmica (graduação, especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado)?
- 2) Experiência profissional
- 3) Experiência na área de turismo e/ou áreas correlatas como cultura, patrimônio, educação ambiental, gestão e desenvolvimento local ou outras?
- 4) Já participou de cursos, oficinas, vivências, treinamentos, projetos na área de turismo e/ou áreas correlatas?
- 5) Viagens realizadas para o interior do Estado da Bahia, outros estados, fora do Brasil. Se não, quais os lugares que deseja conhecer?

Concepção da atividade turística

- 1) Qual a sua concepção sobre o turismo enquanto atividade econômica, cultural, social, política e ambiental?
- 2) Quais os benefícios e malefícios do turismo?
- 3) Quais as expectativas para atividade nos próximos anos (a exemplo, Copa e Olimpíadas)?
- 4) Quais os requisitos para hospitalidade turística?
- 5) Como deve ser a participação da comunidade na organização do turismo de uma localidade?
- 6) Como analisa a atividade turística na Bahia e em Salvador? Quais os pontos positivos e negativos? O que precisa melhorar?
- 7) Como você vê a relação entre turismo e comunidade aqui em Salvador?
- 8) Como os estudantes poderiam participar no turismo da cidade?

A disciplina turismo

- 1) Há quanto tempo ensina a disciplina turismo?
- 2) Ensina esta disciplina por escolha pessoal?
- 3) Como se sente ensinando esta disciplina?
- 4) Acha que tem a formação mais adequada para ensiná-la?
- 5) Acha o tema turismo interessante?
- 6) O que ensina tem a ver com os objetivos da disciplina?
- 7) Como os estudantes vêem a disciplina turismo? Gostam? Participam?
- 8) Qual é a metodologia de ensino (práticas pedagógicas) adotada nas aulas? (visitas técnicas, viagens de estudos, palestrantes, eventos)
- 9) Quais e como os conteúdos são trabalhados?

- 10) Quais os recursos didáticos utilizados?
- 11) Quais as dificuldades para lecionar essa disciplina?
- 12) Em sua opinião, o que é conscientização para o turismo?
- 13) Acha que a disciplina contribui para a conscientização turística dos estudantes? Se positivo, como é feita esta avaliação?

Muito obrigada!

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA GESTORES DA ESCOLA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Objetivo da Pesquisa

Analisar o processo de educação para o turismo e a sua contribuição para a conscientização turística dos estudantes da Escola Estadual de ensino fundamental Severino Vieira.

COORDENÇÃO PEDAGÓGICA

Plano Político-pedagógico

- 1) Como está estruturado o plano político pedagógico da escola? (matriz curricular, ementa, referências, conteúdo, objetivos, avaliação e recursos didáticos)

A disciplina turismo

- 1) Em quais séries a disciplina turismo é trabalhada?
- 2) Qual o nº total de turmas (matutino e vespertino)?
- 3) Qual o nº total de estudantes (matutino)
- 4) Em cada turma, a disciplina é oferecida quantas vezes na semana?
- 5) Quantos professores lecionam a disciplina?
- 6) Porque a escolha da disciplina turismo?
- 7) Como e de quem partiu essa decisão?
- 8) Qual é a proposta da disciplina?
- 9) Como está estruturado o plano de ensino da disciplina? (Verificar cópia do plano).
- 10) Existe alguma interferência do MEC para lecionar essa disciplina?

**ANEXO A – DOCUMENTOS OFICIAIS DA DISCIPLINA TURISMO
DÉCADA DE 1970/1980**

ANEXO B- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

ANEXO C – HISTÓRICO DO COLÉGIO SEVERINO VIEIRA